



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Bruna Gonçalves de Oliveira Carvalho

**Lendo para além da notícia: marcas de intertextualidade em legendas dos
telejornais do Rio**

São Gonçalo

2024

Bruna Gonçalves de Oliveira Carvalho

**Lendo para além da notícia: marcas de intertextualidade em legendas dos telejornais do
Rio**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves

São Gonçalo
2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

C331 Carvalho, Bruna Gonçalves de Oliveira.
TESE Lendo para além da notícia: marcas de intertextualidade em legendas dos
telejornais do Rio / Bruna Gonçalves de Oliveira Carvalho. – 2024.
85f.

Orientadora: Prof. Dr. Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Intertextualidade - Teses. 2. Telejornalismo - Crítica e interpretação -
Teses. 3. Comunicação escrita - Crítica e interpretação - Teses. I. Alves,
Jefferson Evaristo do Nascimento Silva. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 5190

CDU 800.85

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Bruna Gonçalves de Oliveira Carvalho

**Lendo para além da notícia: marcas de intertextualidade em legendas dos telejornais do
Rio**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 19 de setembro de 2024.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Cláudia Moura da Rocha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Márcia da Gama Silva Felipe
Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

São Gonçalo
2024

DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado a todos os pesquisadores que se empenham a estudar a Língua Portuguesa e o Jornalismo.

Aos meus pais, minhas irmãs e meus sobrinhos que são minha fortaleza e a melhor parte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me direcionar e me dar forças para seguir nos estudos mesmo quando consumida pela rotina de trabalho e por tantas dificuldades enfrentadas entre os anos de 2022 e 2024.

Minha mais profunda gratidão ao meu orientador, o Dr. Jefferson Evaristo, um profissional exemplar, pessoa admirável e orientador no sentido mais amplo da palavra. Além do que cabia como orientador, Jefferson foi também um encorajador durante todo o mestrado.

Meu muito obrigada a minha família, meus pais, minhas irmãs e meus sobrinhos que com um sorriso me davam novo respiro durante a caminhada.

Ao colega de classe e futuro mestre Leandro que dividiu comigo momentos de ansiedade e alegria. Foram muitas reflexões na volta para casa de São Gonçalo até o Rio de Janeiro.

RESUMO

CARVALHO, Bruna Gonçalves de Oliveira. *Lendo para além da notícia: marcas de intertextualidade em legendas dos telejornais do Rio*. 2024. 85f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a intertextualidade em algumas legendas de notícias transmitidas na televisão brasileira. Neste trabalho, serão reunidos conceitos e teorias sobre intertextualidade e gêneros textuais que servirão como embasamento para a pesquisa. O recorte delimitado para essa análise foram os anos de 2022, 2023 e 2024. Para o levantamento necessário, foram destacadas as legendas das notícias dos telejornais de duas importantes emissoras do país da chamada tv aberta – Rede Globo e Bandeirantes –, que são exibidos no estado do Rio de Janeiro. Nesse contexto, coletamos exemplos que foram analisados por apresentarem a temática que abordamos nesta dissertação. Os exemplos foram retirados do Jornal do Rio (Bandeirantes) e RJ1 (Rede Globo). Nossos resultados apontam que o jornalismo apresenta a intertextualidade de forma explícita e implícita, e essa última foi o objeto principal desta pesquisa. A partir de nossa investigação, esperamos que este trabalho colabore para a discussão sobre a intertextualidade na notícia, principalmente quando falamos da televisão, e como esse mecanismo contribui para a comunicação.

Palavras-chave: intertextualidade; gênero notícia; comunicação.

ABSTRACT

CARVALHO, Bruna Gonçalves de Oliveira. *Reading beyond the news: marks of intertextuality in subtitles in Rio TVs*. 2024. 85f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

This research aims to analyze the intertextuality in some news subtitles broadcast on Brazilian television. In this work, concepts and theories about intertextuality and textual genres will be brought together that will serve as a basis for the research. The time frame delimited for this analysis was the years 2022, 2023 and 2024. For the necessary survey, the subtitles of the news broadcasts from two important broadcasters in the country called open TV – Rede Globo and Bandeirantes – were highlighted, which are shown on Rio de Janeiro state. In this context, we collected examples that were analyzed because they present the theme we address in this dissertation. The examples were taken from *Jornal do Rio* (Bandeirantes) and *RJ1* (Rede Globo). Our results indicate that journalism presents intertextuality in an explicit and implicit way, and the latter was the main object of this research. From our investigation, we hope that This work contributes to the discussion about intertextuality in the news, especially when we talk about television, and how this mechanism contributes to communication.

Keywords: intertextuality; news genre; communication.

RESUMEN

CARVALHO, Bruna Gonçalves de Oliveira. *Lectura más allá de las noticias: marcas de intertextualidad en los subtítulos de los informativos televisivos de Río*. 2024. 85f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Esta investigación tiene como objetivo analizar la intertextualidad en algunos subtítulos de noticias difundidas en la televisión brasileña. En este trabajo se reunirán conceptos y teorías sobre la intertextualidad y los géneros textuales que servirán de base para la investigación. O recorte delimitado para essa análise foram os anos de 2022, 2023 e 2024. Para la necesaria encuesta, fueron destacados los subtítulos de los noticieros de dos importantes emisoras del país denominadas TV abierta – Rede Globo y Bandeirantes –, que se transmiten en el estado de Río de Janeiro. En este contexto, recopilamos ejemplos que fueron analizados porque presentan el tema que abordamos en esta disertación. Los ejemplos fueron tomados de Jornal do Rio (Bandeirantes) y RJ1 (Rede Globo). Nuestros resultados indican que el periodismo presenta la intertextualidad de manera explícita e implícita, y este último fue el principal objeto de esta investigación. De nuestra investigación, esperamos que esto El trabajo contribuye a la discusión sobre la intertextualidad en las noticias, especialmente cuando hablamos de televisión, y cómo este mecanismo contribuye a la comunicación.

Palabras clave: intertextualidad; género de noticias; comunicación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Jornal do Rio – exibido em 22/08/2023	55
Figura 2 –	RJ1 – exibido em 13/10/2022	56
Figura 3 –	RJ1 – exibido em 26/10/2023	58
Figura 4 –	RJ1 – exibido em 20/10/2023	60
Figura 5 –	RJ1 – exibido em 03/2024	61
Figura 6 –	Jornal do Rio – exibido em 31/08/2023	63
Figura 7 –	RJ1 - exibido em 03/2024	64
Figura 8 –	Exemplo de cartaz de procurados divulgado no estado de Minas Gerais	65
Figura 9 –	RJ1 - exibido em 04/03/2024	66
Figura 10 –	Um dos modelos de cartaz para divulgação do filme	67
Figura 11 –	RJ1 - exibido em 02/05/2024	68
Figura 12 –	Cartaz do filme	69
Figura 13 –	Jornal do Rio – exibido em 12 de junho de 2024	70
Figura 14 –	RJ 1 – exibido em 2 de julho de 2024	71
Figura 15 –	RJ 1 exibido em 08 de julho de 2024	72
Figura 16 –	RJ 1 exibido em 23 de julho de 2024	73
Figura 17 –	Jornal do Rio exibido em 25 de julho de 2024	75
Figura 18 –	Campanha do Detran-DF sobre o consumo de álcool e direção	75
Figura 19 –	RJ exibido em junho de 2024	76

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	PREÂMBULO TEÓRICO: PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES	15
2	METODOLOGIA	25
2.1	Construção do <i>corpus</i>	26
2.2	Etapas	28
2.2.1	<u>Fontes bibliográficas</u>	28
2.2.2	<u>Mapeamento da produção acadêmica brasileira sobre a intertextualidade nos telejornais</u>	28
2.2.3	<u>Definição preliminar do <i>corpus</i> de análise</u>	29
2.2.4	<u>Proposição de categorias de discussão</u>	29
2.3	Objetivos	29
2.4	<i>Corpus</i>	30
3	TEORIAS SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS	32
3.1	Gênero notícia	37
4	AS FACES DA INTERTEXTUALIDADE	42
4.1	Intertextualidade no jornalismo	45
4.1.1	<u>Intertextualidade e suas relações diretas</u>	47
4.1.2	<u>Intertextualidade seletiva</u>	49
5	ALÉM DA NOTÍCIA	52
5.1	RJ1	52
5.2	Jornal do Rio	53
5.3	Análises	54
5.3.1	<u>Tem <i>var</i> no metrô</u>	54
5.3.2	<u>Flordelis está digitando...</u>	56
5.3.3	<u>Água que é bom, não tem!</u>	58
5.3.4	<u>Assinatura <i>fake</i></u>	59
5.3.5	<u>Não vale o escrito</u>	61
5.3.6	<u>Do “cavalo tarado” ao “rajadão”</u>	62

5.3.7	<u>Procuram-se uniformes</u>	64
5.3.8	<u>O 458M sumiu... de novo!</u>	65
5.3.9	<u>À espera da Madonna</u>	67
5.3.10	<u>O Rio de Janeiro continua... quente!</u>	69
5.3.11	<u>A gota d'água</u>	70
5.3.12	<u>Rua "cancelada" em Japeri</u>	71
5.3.13	<u>Cadê o rio que tava aqui?</u>	73
5.3.14	<u>Se comer pão, não dirija?</u>	74
5.3.15	<u>Deputado de milhões</u>	76
5.4	Um adendo sobre o ensino	77
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

A forma como nos comunicamos, tanto oralmente quanto por escrito, desempenha um papel crucial na transmissão das nossas intenções implícitas em determinadas situações. Ao longo da minha trajetória acadêmica, tenho me dedicado a pensar no impacto das palavras e na importância de utilizá-las com precisão, buscando sempre enunciados claros e objetivos para promover uma comunicação eficaz. Essa é uma discussão complexa, repleta de nuances e potencialidades, e embora tenda a valorizar uma abordagem que seja direta e objetiva, também admiro aqueles que conseguem transmitir ideias de forma simples, porém singular, destacando-se pela originalidade e pela criatividade.

Nesse cenário, onde se discute sobre a objetividade e subjetividade na comunicação, percebemos o quanto uma linguagem mais direta permite menos erros de interpretação, por um outro lado, e como um enunciado mais aprimorado pode ainda soar como excludente, por outro lado. Esses pensamentos constituem o ponto de partida para esta pesquisa.

Como pesquisadora de conteúdos relacionados à língua portuguesa, licenciada em Letras e bacharel em Comunicação Social, comecei a me interessar em estudar assuntos que mantêm relação com as duas áreas de minha formação: a língua portuguesa e a comunicação. Primeiro, entrei para a graduação de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, mas, paralelamente a isso, percebi a necessidade de me aprofundar em uma área correlacionada. Muitos profissionais de Comunicação buscam áreas que possam complementar sua formação como, por exemplo, jornalistas que querem se especializar em segurança pública e vão ser bacharéis em Direito; ou aqueles que pensam em participar de amplas discussões políticas e sentem a necessidade de cursar História, sociologia ou ciência política; finalizo com o exemplo de comunicadores que buscam especializações na área ambiental, em meio à explosão de discussões em torno de questões climáticas.

Ainda durante a graduação em Comunicação (2006 até 2009), comecei a faculdade de Letras na UERJ (2006). Após a conclusão do curso de Comunicação, fiz uma pós-graduação em Comunicação Corporativa (2012), pensando em me atualizar para o mercado voltado para atender grandes empresas. Finalizada a pós-graduação, comecei a buscar cursos de mestrado que me permitissem me aprofundar em Linguística; foi com esse objetivo que me inscrevi no processo seletivo para o Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística.

Sou jornalista com mais de treze anos de experiência em televisão. Durante esse tempo, fui produtora, repórter, apresentadora e editora de texto. Minha trajetória profissional

inclui passagens pelas principais emissoras de televisão do país, nas quais desenvolvi conteúdos abrangendo vários temas, passando por esporte, cultura, entretenimento, vida cotidiana, saúde, segurança, economia e política, para citar algumas áreas. No período em que desempenhei a função de editora de texto, tive como responsabilidade revisar matérias produzidas por outros repórteres. Além disso, tive como atribuição a elaboração dos textos destinados à leitura pelo apresentador durante o telejornal. Essa função foi desempenhada especificamente quando estive na Intertv, (sediada em Campos dos Goytacazes) que é uma afiliada da Rede Globo no interior do estado do Rio de Janeiro.

O jornalista, o editor, o apresentador, o profissional de comunicação em geral, falam ou escrevem pensando no público. Partindo desse princípio, apresento nessa pesquisa o que vem sendo discutido quando falamos do processo da linguagem como prática social (Fuza et al, 2011). Quando analisamos a linguagem a partir desse viés, percebemos como ela possui uma interação dinâmica e complexa que permite que as ideias se movimentem, interajam e se articulem. A linguagem como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de interação são definições abordadas por Geraldí (1984) e Fuza et al (2011), por exemplo, que vão contribuir para a reflexão sobre quais são as concepções da linguagem que serão desenvolvidas neste trabalho.

Como profissional da área de comunicação, me questiono sempre ao escrever uma reportagem, ou ao falar ao vivo, sobre quais palavras escolher, como posicionar minha comunicação e como expressar com maior qualidade aquilo que pretendo comunicar no momento ao público. Entendo que o profissional de televisão é uma referência quando pensamos no uso correto da língua/linguagem e que o público espera que esse profissional tenha um excelente domínio da língua. É necessário estar atento e seguir a linha tênue de ser um profissional de comunicação que fala corretamente o português, consegue se conectar com seu público e, ao mesmo tempo, cumpre os critérios de objetividade, clareza e didatismo. Além disso, é essencial manter-se acessível ao público como um todo, mesmo quando este é diversificado, heterogêneo e não domina com facilidade a língua portuguesa.

Ao longo desta pesquisa, então, procuramos identificar como esse olhar para os veículos de comunicação poderia contribuir também para o ensino. É comum observarmos materiais didáticos usados por professores como textos ou imagens atuais fora o que encontramos nos livros didáticos, como charges, propagandas e textos jornalísticos. Durante a graduação, onde são cursadas disciplinas voltadas para a produção desse tipo de materiais, podemos perceber como esses materiais marcam algumas aulas, seja pela curiosidade, pela

temática atual ou pela possibilidade de se abrir uma discussão coletiva que permita mais de um modo de pensamento.

Esta dissertação será dividida da seguinte maneira: na primeira parte, esta introdução, traremos uma breve contextualização da pesquisa e apontaremos nossa proposta que vai nortear o trabalho. Na segunda parte, será exposta a metodologia adotada na pesquisa, com a apresentação dos pressupostos que moldaram nossa concepção para a realização do trabalho. Na terceira parte, reuniremos conceitos sobre os gêneros textuais, com ênfase no gênero notícia. Na quarta parte, serão apresentadas definições de diferentes autores sobre intertextualidade. A partir de todas as ideias apresentadas ao longo do trabalho, a quinta parte será dedicada às análises das tarjas dos telejornais que foram apresentados durante a metodologia. Na sexta parte, acrescentando a discussão, vamos abordar como o uso de intertextualidade e das tarjas analisadas pode contribuir com o ensino da língua portuguesa de forma mais produtiva (Santos, 2005), contextualizada (Antunes, 2014) e situada (Hawad, 2012).

No início deste trabalho, estabeleceremos os fundamentos teóricos que sustentarão nossa análise. A Análise do Discurso, pela perspectiva de Maingueneau, Kristeva e Bakhtin, será o ponto de partida para nossa investigação. Por meio de autores que exploram a relação entre a Análise do Discurso e a intertextualidade, buscaremos construir um esquema para dar suporte às discussões subsequentes.

No capítulo dedicado à intertextualidade, realizamos uma busca profunda na produção teórica sobre o tema, com foco nos trabalhos de Koch, Elias e Fiorin. A partir da análise de suas obras, buscamos compreender as diferenças presentes no conceito de intertextualidade e identificar as contribuições de cada autor para a construção desse campo de estudo.

Esses autores, reconhecidos por suas contribuições significativas para a Linguística Textual no Brasil, oferecem ferramentas teóricas indispensáveis para a análise das relações intertextuais presentes nos discursos.

Concluída a discussão sobre intertextualidade, o próximo capítulo terá como objetivo apresentar uma caracterização geral dos gêneros textuais, direcionando em seguida para uma análise aprofundada do gênero notícia, que será o foco dos capítulos seguintes.

Por fim, é importante ressaltar que esta pesquisa espera trazer reflexões sobre o uso da intertextualidade nos meios de comunicação e como ela pode também contribuir como material didático que abra caminhos para discussões diversas. Entendemos que esse ainda é um campo novo a ser explorado, mas acreditamos que nos tempos atuais, onde muito do que

se aprende se dá a partir de imagens, vídeos e de conteúdos interativos, a informação aliada à língua portuguesa pode contribuir para discussões produtivas entre docentes e discentes.

1 PREÂMBULO TEÓRICO: PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES

Nesta parte da dissertação vamos apresentar a base teórica estudada durante o processo de produção deste trabalho. Para tal, lemos autores já conhecidos ao longo da faculdade de Letras e outros identificados a partir da triagem feita em teses encontradas que possuíam assuntos que se aproximavam do tema deste trabalho.

Para nos aprofundarmos no tema de como o discurso é construído, recorreremos a autores que estiveram à frente das primeiras discussões documentadas. Pêcheux, por exemplo, considerado o fundador da Análise do Discurso¹, explorou a relação entre discurso e ideologia. O estudioso argumenta que o discurso é uma prática ideológica e que "a ideologia não é um sistema de ideias, mas sim um processo de produção de sentidos" (Pêcheux, 1975, p. 14). Essa argumentação nos faz refletir em como essa ideologia não se resume apenas a um conjunto fixo de conceitos ou crenças, mas é um meio dinâmico de criar significados e permitir interpretações dentro de uma sociedade. Não sendo, portanto, algo fechado, restrito e estático, a ideologia funciona de uma forma que permite criar a percepção e a compreensão das pessoas sobre o mundo ao redor. Ela interfere na maneira como as informações são filtradas, compreendidas e comunicadas, assim como nos relacionamos com ela.

Para Orlandi (2009, p. 16), a análise do discurso trabalha “refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”. Essa percepção nos faz repensar as inter-relações entre a linguagem e a ideologia. Quando observamos um texto, podemos perceber que a ideologia pode se manifestar na linguagem de diversas formas: nas palavras escolhidas, na estrutura gramatical ou no discurso adotado.

A partir dessa afirmação, podemos pensar na relação intrínseca entre linguagem e ideologia. A linguagem, em suas diversas manifestações, está impregnada e afetada pelas ideologias dominantes em uma sociedade, o que significa que os discursos, as estruturas linguísticas e o uso cotidiano da linguagem refletem e perpetuam ideias já consolidadas. A Análise do Discurso também verifica como a ideologia se expressa por meio da língua, ou seja, como essas ideias são transmitidas por meio de escolhas linguísticas que podem aparecer de forma direta ou de maneira mais sutil. A Análise do Discurso busca compreender mais do que o conteúdo superficial da mensagem, indo além da mera leitura das palavras escritas ou

¹ Bagno vai dizer que ele é o “nome de destaque” da área (Bagno, 2017, p.14). Ao mesmo tempo, vai indicar como a tradição do termo na escola americana é diferente da tradição na escola francesa, sendo a americana mais identificável com o que no Brasil se chama de “Linguística Textual”, ao passo que a escola francesa vai se identificar mais imediatamente com o que por aqui se chama de realmente como “discurso”.

faladas., propondo-se a desvendar os segredos por trás da mensagem, explorando as camadas mais profundas da comunicação humana.

Segundo Dijk (1988, p. 12), a “análise do discurso é uma disciplina interdisciplinar que se baseia em várias outras disciplinas, como a linguística, a psicologia, a sociologia e a antropologia”. A Análise do Discurso nos ajuda a compreender como a linguagem é usada em contextos sociais e o que se pode examinar além dos textos, pensando em suas construções ideológicas. Essa definição demonstra como ela é um campo que tem uma natureza diversificada e abrangente: temos a linguística, que nos oferece ferramentas para examinar a estrutura e o funcionamento da linguagem; a psicologia, que nos ajuda a compreender como as pessoas interpretam e respondem as mensagens; a sociologia, que investiga as estruturas sociais e a antropologia, que estuda as culturas humanas e as práticas sociais.

Foucault esclarece que

a análise do campo discursivo trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação excluem. (Foucault, 2008, p. 31)

Foucault fala sobre estabelecer correlações com os outros enunciados, o que é uma colocação que se aproxima de um outro tema que será abordado mais à frente neste trabalho: a intertextualidade. Para compreender um enunciado, que pode ser um texto completo, um parágrafo ou apenas uma frase, é importante levar em consideração o contexto em que ele foi construído. Outros pontos a serem observados são os possíveis fatores que influenciaram sua construção.

Maingueneau, em seus textos sobre Análise do Discurso, também reforça essa ligação com a intertextualidade, como podemos ver no trecho a seguir:

O discurso só adquire sentido no interior de um imenso interdiscurso. Para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras. O simples fato de organizar um texto em um gênero (a conferência, o jornal televisivo...) implica que o relacionemos com os outros textos do mesmo gênero. (Maingueneau, 2015, p. 28)

Maingueneau defende que todo o discurso é construído em uma relação com outros por meio de um processo de intertextualidade e interdiscursividade. Essa afirmação destaca que um discurso só pode ser plenamente compreendido quando consideramos os outros

discursos nele presentes. A cada interpretação de um enunciado estamos também fazendo conexões com uma variedade de outros discursos que influenciam em seu significado.

Se formos pensar, por exemplo, em uma notícia, sabemos que essa nos permite criar conexões com outras notícias que já lemos ou ouvimos. O contexto em que a notícia está inserida, o formato em que é apresentada e a escolha das palavras adotadas são todas influenciadas por outros discursos dentro desse mesmo gênero.

Essas relações entre os enunciados já são discutidas há décadas por diversos autores. Para esse trabalho, vamos tomar como base três autores que têm uma ampla pesquisa no campo da intertextualidade: Kristeva (1969 e 2005), Bakhtin (2006) e Barthes (2004).

Julia Kristeva² é uma escritora búlgaro-francesa que também se destacou por ser filósofa e psicanalista. Fez diferentes contribuições no campo da teoria literária, linguística, psicanálise e filosofia, sendo vista como um dos grandes destaques nesse campo de estudos no século XX. Kristeva é reconhecida por sua abordagem interdisciplinar e sua capacidade de combinar diferentes áreas do conhecimento.

Mikhail Bakhtin³ foi um pesquisador, filósofo, pensador e teórico russo. O autor é considerado uma das figuras mais importantes para a história e evolução da linguagem humana, e suas pesquisas norteiam até hoje estudos e teorias pelo mundo. A influência de Bakhtin é notada em estudos sobre história, filosofia, antropologia, psicologia, sociolinguística, análise do discurso, semiótica, sendo a maior contribuição em estudos da linguagem.

Roland Barthes⁴ era um filósofo, crítico literário e escritor francês que se tornou uma referência pela aplicação de métodos semiológicos à análise das obras literárias. Barthes é reconhecido como um dos importantes pensadores contemporâneos, representante do pós-estruturalismo do desenvolvimento da semiótica.

Kristeva é uma das primeiras a escrever sobre o conceito de intertextualidade e afirma que “todo texto é construído como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto” (1969, p. 84).

Em outra obra a estudiosa esclarece que

toda sequência se constrói em relação a outra, provinda de um *corpus*, de modo que toda sequência está duplamente orientada para o ato de reminiscência (evocação de

² <https://resumos.soescola.com/glossario/quem-e-julia-kristeva-na-filosofia/>. Acesso em abril de 2024.

³ <https://blog.editoracontexto.com.br/quem-foi-mikhail-bakhtin/>. Acesso em abril de 2024.

⁴ https://www.ebiografia.com/roland_barthes/. Acesso em abril de 2024.

uma outra escrita) e para o ato de intimidação (a transformação dessa escritura). (Kristeva, 2005, p. 105).

Tais afirmações reforçam o que entendemos hoje como intertextualidade, essa relação entre dois ou mais textos que está presente em vários textos. Essa evocação de um outro texto pode acontecer por meio de uma citação direta, paráfrase ou alusão. Adotamos aqui o que é definido pela ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas, sobre citação direta, que é a transição literal de um texto.

Definida essa parte da teoria que será usada nesta dissertação, vamos ao recorte que trará um olhar específico para os textos jornalísticos na televisão, afinando esse amplo leque quando pensamos em meios de comunicação.

Essa presença da intertextualidade nos meios comunicação começa a influenciar outros campos com o passar do tempo. Podemos relacionar essa mudança com a ligação entre as pessoas e a internet. Esse mundo digital, que colabora com uma nova forma de comunicar no dia a dia, também contribui para mudanças na maneira de se informar e é a partir dessa ideia que todo este trabalho será desenvolvido.

A forma como as pessoas se expressam vem mudando com o passar do tempo. De acordo com Bakhtin,

As mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissoluvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso. A linguagem literária é um sistema dinâmico e complexo de estilos de linguagem; o peso específico desses estilos e sua inter-relação no sistema da linguagem literária estão em mudança permanente. (Bakhtin, 2006, p. 267)

Essa afirmação indica que as mudanças na linguagem ao longo do tempo estão intimamente ligadas às mudanças nos tipos de discurso. Na literatura, os estilos de linguagem são dinâmicos e interagem entre si de maneira complexa e estão sempre mudando. A língua, como um organismo vivo em constante transformação, acompanha as mudanças sociais, culturais e históricas da humanidade. A linguagem literária, como um espelho dessa dinâmica, reflete essa evolução através dos estilos de linguagem e dos gêneros do discurso.

O jornalismo caminha cada vez mais para acompanhar a sociedade. O que é falado no dia a dia, em diálogos informais entre amigos sobre determinado assunto, também é usado nas páginas dos jornais. São termos que aproximam o cliente do produto, ou seja, aproximam o leitor do jornal. Os chamados “jornais populares”, tanto pelo preço como pela linguagem usada, chamam a atenção dos leitores com suas capas inovadoras, que trazem assuntos de

interesse do público e os apresentam de forma semelhante ao modo como as pessoas os abordam no dia a dia, em diálogos com pessoas próximas. Para Amaral,

os jornais populares são [...] baratos, com baixa paginação, vendidos em bancas, que abrigam publicidades de produtos destinados ao público de baixa renda, embora ainda atendam à ínfima parcela da população. Também pressuponho que esse segmento da imprensa se utiliza de elementos culturais historicamente destinados aos setores populares ou produzidos por eles. (Amaral, 2006, p. 16)

A citação anterior apresenta uma discussão sobre a natureza dos jornais populares destacando suas principais características como: a acessibilidade financeira e distribuição (jornais baratos, menores, sucintos e vendidos em bancas pelas ruas), têm uma publicidade direcionada para esse público, atendem uma parcela específica da população e elementos culturais próprios referentes a essas camadas mais populares.

Toda essa criatividade, essa forma de comunicar que mistura ditos populares, com conversas entre leitores, vem sendo adotada também na televisão. Apesar de estarmos usando uma citação de 2006, que se relaciona com esse movimento nos jornais impressos mais populares como *Meia Hora* e *Expresso*⁵, vamos abordar neste texto o que vemos na televisão e que também tem relações com a ideia apresentada na explicação acima.

O tema da pesquisa, como dito, é a intertextualidade presente em algumas tarjas de telejornais. A tarja⁶ é arte desenvolvida onde créditos são sobrepostos, ou seja, onde são colocadas as legendas dos telejornais. As tarjas são usadas para identificar a pessoa que concede a entrevista, o jornalista que apresenta a matéria e há exemplos que contêm frases que aparecem durante a exibição de uma reportagem. Neste trabalho, será feita a análise de algumas legendas de reportagens veiculadas em edições de dois programas jornalísticos exibidos por duas emissoras de televisão para a maior parte dos municípios do estado do Rio de Janeiro.

Optamos por essas duas emissoras – Tv Globo e Tv Bandeirantes – por serem televisões que produzem um jornalismo semelhante em alguns aspectos que serão detalhados de forma mais abrangente no capítulo de análise.

Para fundamentar este trabalho, buscamos autores que tratam dos dois pontos que vão nortear toda a base teórica: os gêneros textuais e a intertextualidade. Para gêneros textuais

⁵ O jornal Meia Hora de notícias, ligado ao grupo O dia, foi fundado em 2015 e segue em circulação. O jornal Expresso foi lançado pela Infoglobo em março de 2006 e deixou de circular em novembro de 2022.

⁶ Tarjas – Arte desenvolvida onde créditos são sobrepostos. Disponível em: https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610420_08_cap_03.pdf

vamos abordar conceitos apresentados por Dias (2012), Marcuschi (2006), Koch (2006) e Rosa (2009) e para intertextualidade Koch e Elias (2003), Fiorin (2006) e Kristeva (1969).

O foco na intertextualidade nas tarjas dos telejornais foi definido durante o momento em que eu assistia aos telejornais, não meramente como uma telespectadora, mas como uma editora. O editor precisa resumir em poucos caracteres o assunto, pensando em como transmiti-lo de forma clara, criativa e, ao mesmo tempo, chamando a atenção do telespectador para aquela notícia⁷. Nesse momento, percebi que ali existia um tema atual com questionamentos a serem feitos e explorados. Por que certas palavras são usadas nas tarjas? Por que alguns termos chamam mais a atenção do telespectador? Que tipo de tarjas são mais aceitas pelo público? O que o público espera ler em uma tarja?

O editor de texto precisa pensar na melhor forma de resumir o que será apresentado em cada reportagem em três frases. Geralmente, esse é o tamanho da chamada “cabeça”⁸. Essa nomenclatura, usada no telejornalismo, se refere ao texto lido pelo apresentador antes de uma reportagem começar a ser exibida.

Ao fazer o exercício de assistir a telejornais de forma crítica, pude identificar alguns tipos de tarjas que vou destacar aqui: tarjas que não resumiam a notícia, mas chamavam a atenção do telespectador; tarjas que, com poucas palavras, remetiam ao conteúdo passado; tarjas com tons de ironia e usando antônimos.

A partir do momento que iniciei as leituras de textos que discutem parte da proposta desta dissertação, identifiquei trabalhos dos pesquisadores citados anteriormente, dedicados a analisar essa relação em alguns meios de comunicação, como colunas de jornais impressos, publicações feitas em uma determinada época da história, termos de outras áreas de conhecimento muito presentes nos jornais, como por exemplo termos comuns no meio da economia.

Apesar da grande quantidade de trabalhos encontrados na plataforma de teses e dissertações no *site* da Capes, que discutem os elementos presentes na notícia, não encontrei teses específicas quando falamos das legendas dos telejornais. No início da pesquisa, busquei, no banco de dissertações de mestrado e teses de doutorado, trabalhos usando como filtro “intertextualidade”. Ao refinar a busca com filtros, para que aparecessem apenas trabalhos das

⁷ O profissional que edita o texto e as imagens é responsável pela revisão final da matéria que é vista nos jornais. Com observação aos pequenos detalhes, o texto das matérias são corrigidos e ganham ênfase para que os repórteres possam gravar de maneira concisa. <https://redeglobo.globo.com/pe/tvgranderio/noticia/saiba-como-trabalha-um-editor-de-texto-e-imagens-da-tv-grande-rio.ghtml> acesso em 01/04/2024.

⁸ Cabeça é o texto que corresponde ao lead em jornal impresso e que é lido pelo apresentador em quadro. Acesso em https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610420_08_cap_03.pdf

áreas de Comunicação, Letras e Linguística de 2020 até 2023, cheguei a 47 resultados. Desses, alguns tratavam de analisar a intertextualidade em livros, filmes, novelas, músicas, publicidade e comentários na internet em diferentes redes e portais.

Durante o processo de busca de referências, localizei dois trabalhos⁹ que tinham alguma relação com o jornalismo. O primeiro, intitulado “População em situação de rua: Como as ações e políticas públicas são representadas na Folha de São Paulo” era uma dissertação de mestrado, feita a partir de uma pesquisa qualitativa de cunho documental, com o objetivo de discutir as facetas discursivas em relação a vida de pessoas em situação de rua, e a forma como são noticiadas as ações e políticas públicas no jornalismo eletrônico no portal Folha de S. Paulo (FSP) entre 2016 e 2018.

O segundo, com o título “Uma análise discursivo-crítica da construção do *ethos* de Sergio Moro na cobertura do evento #vazajato” trazia uma análise discursivo-crítica da construção do *ethos* de Sérgio Moro, ex-juiz da Lava Jato, em reportagens veiculadas nas mídias de referência e ativistas, ao se defender das acusações de corromper os princípios da magistratura.

Como não foram encontrados trabalhos na plataforma que falassem da intertextualidade na televisão e, especificamente, nas tarjas dos telejornais, identificamos uma lacuna nesse campo de pesquisa. Como pesquisadora, acredito que alguns motivos possam contribuir para a escassez de trabalhos voltados para esse tema: é uma mudança de formato recente; há falta de material sobre esses exemplos, que não acontecem diariamente; é difícil delimitar porque o fenômeno acontece, entre outros. A partir desse momento, comecei a me dedicar mais a leituras sobre esse assunto.

Pela perspectiva de uma profissional que atua em televisão há mais de treze anos, pude perceber como esses dois pontos – a intertextualidade e a televisão - caminham juntos e como um influencia o outro. Seja para acompanhar essa nova linguagem, seja para despertar o interesse do público em um mundo onde existem várias formas de se informar, o que observo como profissional da área e telespectadora é como alguns meios de comunicação mudaram o formato na hora de veicular notícias.

Nesta pesquisa, procuro observar não apenas os aspectos positivos, a necessidade de os meios de comunicação tentarem se atualizar para competir com outros meios para

⁹ MENDONÇA, Danielle Gruppi de. “População em situação de rua: Como as ações e políticas públicas são representadas na Folha de São Paulo” 06/02/2020 243 f. Mestrado em Linguística. Instituição de Ensino: Universidade de Brasília. Brasília Biblioteca Depositária: BCE-UNB e SILVA, Marianna Ribeiro da. Uma análise discursivo-crítica da construção do *ethos* de Sergio Moro na cobertura do evento #vazajato' 30/03/2020 100 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: Universidade Federal de Viçosa, Viçosa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

informar, mas também como certas mudanças podem influenciar na compreensão do leitor/ telespectador/ público-alvo/ consumidor.

As primeiras discussões sobre intertextualidade datam de cerca de cem anos atrás. Entre as referências, temos o autor russo Bakhtin, que já discutia esse uso, e afirma que “cada enunciado é um elo de cadeia complexa de outros enunciados”. Bakhtin (1992, p. 291).

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face. Ao contrário, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciadador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu (Fiorin, 1996. p. 128).

Partindo desse ponto, podemos perceber que em relação ao texto jornalístico não é diferente, visto que existem muitas conexões que podem ser feitas. No caso do jornalismo, essas conexões podem ser meramente um desdobramento de uma notícia do dia anterior, de uma matéria que faça referência a algum outro acontecimento com o qual tenha pontos em comum com aquele que está sendo noticiado ou, até mesmo, de algo presente na ficção, mas que possa se conectar, de alguma forma, com aquele enunciado.

Assim, é possível identificar com frequência referências a outros textos nas mais diversas produções. Importante pontuar que essa identificação será possível, dependendo do conhecimento do leitor, pois, sem determinados conhecimentos, a ideia de que o enunciado está remetendo a um outro texto pode passar despercebida. Essa falta de conhecimento prévio pode fazer com que o leitor¹⁰ e, no caso desta pesquisa, também telespectador, perca parte da informação por não ter elementos suficientes para fazer algumas conexões daquela mensagem.

Essa explicação pode ser ainda complementada por Koch e Elias (2003, p. 78), quando pensamos na forma como essa intertextualidade é recebida pelo receptor da mensagem.

também é importante destacar que a inserção de ‘velhos’ enunciados em novos textos promoverá a constituição de novos sentidos. É verdade que a nova produção trará os ecos do(s) texto(s)-fonte e estes se farão ouvir mais – ou menos dependendo dos conhecimentos do leitor.

Pensando na intertextualidade e nessa necessidade de uma prévia noção, por parte dos leitores, para que a mensagem seja compreendida em sua totalidade, destaca-se a relevância

¹⁰ Aqui, mesmo falando de televisão, vamos usar sempre a palavra leitor e não telespectador.

deste trabalho; não para dar uma única resposta, mas para discutir esse caminho e essas construções na televisão. Em resumo, a intertextualidade trata da presença de outros elementos de um texto que já foi escrito em um novo texto.

No primeiro capítulo, vamos apresentar a metodologia selecionada para a pesquisa, que será qualitativa. Para isso, procuramos apresentar alguns pontos e características que nos fizeram optar por essa metodologia ao entender que esse era o modelo que se encaixava de forma mais adequada a pesquisa a ser desenvolvida.

No segundo capítulo, vamos apresentar as principais teorias sobre os gêneros textuais, exploradas pelos autores já citados anteriormente. Uma das definições adotadas é a que Marcuschi defende:

Uma carta pessoal que você escreve para sua mãe é um gênero textual, assim como um editorial, horóscopo, receita médica, bula de remédio, poema, piada, conversa casual, entrevista jornalística, artigo científico, resumo de um artigo, prefácio de um livro. É evidente que em todos esses gêneros também estão se realizando tipos textuais, podendo ocorrer que o mesmo gênero realize dois ou mais tipos. Assim, um texto é tipologicamente variado (heterogêneo). Veja-se o caso da carta pessoal, que pode conter uma sequência narrativa (como uma historinha), uma argumentação (argumenta em função de algo), uma descrição (descreve uma situação) e assim por diante (Marcuschi, 2008, p. 25).

Segundo o autor, em cada gênero textual é possível identificar a presença de diferentes tipos textuais. A carta pessoal, citada pelo autor, tem uma sequência narrativa como histórias pessoais ou relatos de eventos passados. Outro ponto é que a carta pode conter elementos argumentativos quando o autor emite opiniões e até tenta persuadir o destinatário com suas posições. Por fim, é comum que tenha descrições o que permite que o remetente compartilhe visualizações e impressões com o destinatário.

O gênero notícia será o foco principal e terá uma seção dedicada a estudos específicos sobre ele, apresentando contribuições de autores como Koche (2011), Marques de Melo (2010), Travaglia (2018) e Silva (2022).

No terceiro capítulo, vamos abordar o que vem sendo apresentado por pesquisadores em relação à intertextualidade no jornalismo, como algumas ideias já sinalizadas anteriormente, além das definições apresentadas por Bakhtin e Kristeva sobre o conceito em si.

Como já citado, o *corpus* deste trabalho são as legendas, ou tarjas no jargão jornalístico, de dois telejornais veiculados no estado do Rio de Janeiro. Já explicamos alguns modelos de tarjas usadas nos telejornais, mas nessa pesquisa vamos analisar somente as tarjas que aparecem durante as reportagens, que são frases usadas geralmente para resumir o que

está sendo apresentado. Essa análise será feita no quarto capítulo. Nessa parte, serão apresentadas as diferentes características e as relações implícitas, ou explícitas, em cada um dos exemplos.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a intertextualidade presente nas tarjas das notícias de dois telejornais exibidos no estado do Rio de Janeiro: o Jornal do Rio, exibido pela TV Bandeirantes, e o RJ1, veiculado pela TV Globo.

Ao iniciar o processo de reflexão para esta pesquisa, meu objetivo principal era examinar minuciosamente como um elemento concebido com a intenção de ser facilmente compreendido e abrangente, com a utilização de uma estratégia pode restringir sua função. Essa é uma faceta da intertextualidade, que, por um lado, enriquece o texto e, por outro, pode restringir a capacidade de compreensão ao exigir o conhecimento de outras informações.

Como pontuado anteriormente, a intertextualidade contribui para enriquecer um texto e ampliar uma discussão quando se criam conexões com outros enunciados. É nesse ponto que, como pesquisadora, profissional de comunicação e professora, pretendo nortear essa análise.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, discutiremos as perspectivas metodológicas escolhidas para este estudo. Ao longo desta parte, vamos apresentar e descrever as etapas percorridas durante esta dissertação. Nas subseções seguintes, apresentaremos esses passos da pesquisa contando também os objetivos e justificando o *corpus* escolhido. A pesquisa será feita com base nas diretrizes de uma abordagem qualitativa. Consideramos que, para o objeto de estudo em foco, essa é a abordagem ideal. Segundo Simões e García (2014, p. 100), essa metodologia qualitativa “define-se como um estudo não estatístico, que identifica e analisa de forma acurada, dados de difícil mensuração”, como a análise que pretendemos nessa pesquisa.

Ainda segundo os autores, os estudos qualitativos têm características como:

Os dados são coletados preferencialmente nos contextos em que os fenômenos são construídos; A análise de dados é desenvolvida, de preferência, no decorrer do processo de levantamento destes; Os estudos apresentam-se de forma descritiva, com enfoque na compreensão à luz dos significados dos próprios sujeitos e de outras referências. (Garcia, Simões, 2014, p.100)

Essa abordagem é mais direcionada para pesquisadores interessados em um trabalho em que o foco esteja na interpretação. Como esse termo se relaciona com algo subjetivo, vemos que esse tipo de pesquisa não se empenha em números e objetividade. Como pesquisadora, busco produzir uma dissertação que auxilie o caminho de outras discussões sobre o tema que está distante de ser algo exato e focado em resultados, mas sim em todo o processo.

Outra característica citada pelos autores que vai ao encontro do que seguimos nesta pesquisa foi desenvolver a análise dos dados, no nosso caso das tarjas dos telejornais, no decorrer do processo do levantamento destes.

Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 26) defendem que a pesquisa qualitativa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. “A interpretação dos fenômenos e atribuição dos significados são básicas no processo qualitativo (...) os pesquisadores tendem a analisar dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem”.

Segundo André e Lüdke (1986), nessa abordagem, o principal instrumento da investigação é a observação. Sendo assim, é possível que, durante a análise, o observador recorra a conhecimentos e a experiências pessoais. A própria percepção do pesquisador vai

contribuir para o trabalho por auxiliar na compreensão e na interpretação do caso estudado. É com base nessas características e conceitos que essa pesquisa foi desenvolvida.

Como dito acima, essa é uma forma de pesquisa que lida com fenômenos e possibilita a compreensão e a interpretação deles. Analisando o que alguns autores escreveram sobre os tipos de pesquisa conforme os procedimentos de coleta entendo que a presente pesquisa tem características encontradas na chamada pesquisa documental.

Duarte, Carvalho, Menezes e Souza (2019, p.38) explicam que a pesquisa documental “é muito comum em estudos que buscam explorar informações em documentos públicos, presente em bibliotecas ou arquivos, além de ‘cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos etc.’”

A pesquisa documental é uma metodologia usada em estudos acadêmicos para explorar informações contidas em documentos. Essa abordagem envolve coleta e análise de dados já existentes, divergindo de outros métodos que usam entrevistas e experimentos. No caso da nossa pesquisa serão textos de domínio público e divulgados na televisão.

Essa é uma pesquisa que usa materiais ainda não estudados, como escolhemos um *corpus* composto por tarjas de meios de comunicação recentes podemos considerar que, possivelmente, alguns exemplos trabalhados na nossa análise ainda não fazem parte de outros estudos sobre o tema. Esse foi um dos pontos cruciais para que essa pesquisa fosse desenvolvida: a possibilidade de analisar materiais que, até o momento, ainda não fazem parte de nenhum outro trabalho acadêmico.

Entendo que essa é uma discussão relevante se pensarmos na relação entre o meio de comunicação e o telespectador, entre a informação e os que precisam ter acesso a ela. Se esta não chega em quem deveria, ela não cumpre o seu papel. Entendo que uma pesquisa cumpre o seu papel quando inicia uma discussão, buscando um viés diferente; contribui para outras pesquisas futuras; desperta em outros pesquisadores o desejo de se aprofundar no tema ou até mesmo de confrontá-lo e, por fim, provoca alguma mudança ou reflexão dos profissionais da área pesquisada.

2.1 Construção do *corpus*

Na primeira etapa, para selecionar o que seria estudado, observei os principais telejornais¹¹ que exibem notícias divulgadas especificamente para o estado do Rio de Janeiro. Analisando as principais emissoras, levando em consideração a audiência¹² e o alcance do público de forma geral, temos três telejornais em cada uma dessas emissoras voltados para o estado e exibidos diariamente na Record e na Globo. No SBT e na Band, há dois jornais com esse formato. Passando essa etapa, busquei identificar os telejornais que possuem um perfil parecido em relação à linguagem, aos assuntos e ao formato das reportagens.

O Jornal do Rio e o RJ primeira edição trazem uma linguagem parecida. A maior parte das reportagens era conduzida em um formato mais informal. Apesar de informal, não havia o uso de alguns termos como gírias¹³, palavras que são consideradas “palavrões” e outras expressões não usuais em um programa jornalístico. Os jornais buscam trazer os mesmos assuntos e, com frequência, na mesma ordem. Um exemplo que podemos observar é quando há uma notícia de grande repercussão como uma prisão de um criminoso muito procurado, um escândalo político ou uma morte violenta, e todos os jornais começam abordando o mesmo assunto.

Após essa fase inicial, identifiquei semelhanças entre o RJ1, exibido pela Rede Globo de segunda a sábado, às 11:50, e o Jornal do Rio, exibido pela Band, também de segunda a sábado, às 18:50. Os dois veículos exibem matérias de assuntos variados, passando por temas como saúde, segurança, economia, denúncias e reclamações de moradores sobre questões de falta de estrutura em bairros.

As reportagens exibidas têm em média de dois minutos e trinta segundos a três minutos. Algumas possuem, além das imagens feitas pelos cinegrafistas contratados pelas emissoras, registros feitos pela própria população e vídeos de cinegrafistas amadores. Em algumas reportagens são usados recursos para reforçar ou explicar, de forma mais didática para o telespectador, o que está sendo dito: artes indicando valores, percentuais, listas e mapas. Outro recurso são as artes que destacam documentos, o que é muito usado em reportagens de denúncias, feitas com base em informações que são extraídas de documentos oficiais. As artes também são usadas quando o veículo vai destacar algo que foi publicado por

¹¹ Jornal do Rio é um telejornal veiculado pela Rede Bandeirantes e o RJ1 é um telejornal veiculado pela Rede Globo.

¹² Dados sobre Ibope: <https://portalaltadefinicao.com/consolidados-do-rio-de-janeiro-terca-feira-02-01-2024/> Temos o RJ1 com 16,1 pontos. Jornal do Rio média de de 2,1 pontos.

¹³ A gíria é considerada como um conjunto de unidades lingüísticas (itens lexicais simples ou complexos, frases, interjeições...) que caracteriza um determinado grupo social. Acesso em 03/04/2024 https://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ03_37-51.html

uma personalidade, ou empresa, em relação a determinado tema. Pode ser um comentário, um posicionamento sobre uma denúncia ou meramente uma resposta a um seguidor em uma rede social.

2.2 Etapas

O desenvolvimento desta dissertação se organizou a partir das seguintes etapas:

2.2.1 Fontes bibliográficas

Durante essa etapa foram feitos levantamentos sobre os seguintes temas:

- Intertextualidade: para esse estudo contribuíram autores como Bakhtin (2006), Kristeva (2001) Fiorin (1994) Gouvea (2007), Koch (2003), Pêcheux (1976) e Zani (2003).
- Gêneros textuais: para tanto, contribuíram autores como Benassi (2007), Koche (2011), Mainguenu (2015), Marcuschi (2008), Marques de Melo (2010) e Rosa (2009).
- Jornalismo: para essa parte consultamos autores como Amaral (2006), Bourdieu (1998) e Traquina (2005).
- Metodologia: para definir melhor a abordagem adequada à pesquisa, contribuíram autores como Carvalho (2009), Kauark (2010), Ludke (1986) e Simões e Garcia (2011).

2.2.2 Mapeamento da produção acadêmica brasileira sobre a intertextualidade nos telejornais

- Consulta no Google em busca de artigos e textos de diversos gêneros que falassem sobre o assunto para definir um ponto de partida e fugir de pontos já muito explorados quando falamos de intertextualidade no jornalismo.
- Diante da falta de resultados, iniciamos uma pesquisa mais profunda no banco de dados da CAPES, selecionando artigos e teses mais recentes relacionadas com o tema.
- Análise de trabalhos encontrados nessa busca para identificar autores que pudessem contribuir com a discussão.

2.2.3 Definição preliminar do *corpus* de análise

- Tarjas dos telejornais: Jornal do Rio e RJ1.

2.2.4 Proposição de categorias de discussão

Esta dissertação se organiza a partir das seguintes categorias: encaminhamentos metodológicos, tendências e conceitos atuais relacionados à intertextualidade e ao gênero notícia, origens desses conceitos e a presença deles nas tarjas dos telejornais.

2.3 **Objetivos**

Quando definimos os objetivos de uma pesquisa, seguimos critérios que alguns autores consideram essenciais para orientar o desenvolvimento do trabalho. Um desses diz respeito ao "porquê" da pesquisa e aos propósitos que o autor espera alcançar com ela. Em outras palavras, é importante determinar claramente os motivos pelos quais estamos realizando a pesquisa e quais resultados ou contribuições esperamos obter com nosso trabalho (Minayo, 2010, p.44).

O objetivo geral deste trabalho é analisar a intertextualidade presente nas tarjas das notícias de dois telejornais exibidos no estado do Rio de Janeiro.

Em relação à delimitação dos objetivos específicos, também chamados por alguns autores de secundários (Gonsalves, 2003, p.57), decidimos quantificar e analisar a questão da intertextualidade no telejornalismo exibido no estado do Rio de Janeiro a partir de exemplos retirados de dois telejornais de duas emissoras diferentes.

Os objetivos específicos são:

- apresentar os conceitos já definidos em relação ao texto jornalístico como gênero textual;
- pontuar as principais características desse tipo de texto;
- elencar as definições do termo intertextualidade;
- analisar como ela se faz presente no telejornalismo.

2.4 *Corpus*

Para o trabalho, foram definidos dois telejornais de dois veículos diferentes, mas de grande visibilidade por apresentarem uma linguagem e uma temática parecida. O Rio de Janeiro possui uma variedade de telejornais exibidos na tv aberta e nos canais por assinaturas. A maioria desses jornais costuma ter características diversas em relação à forma como abordam determinados fatos, aos assuntos definidos para serem veiculados, à duração de cada reportagem exibida, ao texto narrado pelos repórteres que pode ser formal ou informal, à presença ou à ausência de comentários e a complementos por parte do apresentador do jornal, dentre outros.

O RJ1, veiculado pela Rede Globo, e o Jornal do Rio, exibido pela Bandeirantes, possuem características que os aproximam e serão apresentadas nos próximos capítulos. Eles se assemelham em relação à linguagem, à duração das reportagens e aos temas abordados.

Tanto a Rede Globo como a Tv Bandeirantes possuem outros dois jornais que também são exibidos para o estado do Rio de Janeiro. A Rede Globo transmite o Bom dia Rio e o RJ 2. No Bom dia Rio costumamos ver uma linguagem que se assemelha ao RJ 1, já no RJ 2 são apresentadas reportagens mais analíticas e com um tom mais formal. Na Tv Bandeirantes são

exibidos também o programa Voz do Rio na Band e Brasil Urgente Rio. Os dois jornais são voltados para classes populares, mas não foram encontrados exemplos de intertextualidade.

3 TEORIAS SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

O presente capítulo é dedicado a apresentar as principais teorias sobre os gêneros textuais. Segundo pesquisadores como Dias (2012) Bakhtin (2019), Marcuschi (2008), os gêneros textuais são diversos, podem até ser diferentes dependendo da cultura e mudar também com o tempo.

Como explica Dias:

Os Gêneros podem variar de uma sociedade para outra, com toda certeza variam de um contexto histórico para outro e são ainda capazes de surgir, se modificar e desaparecer. São exemplos de Gêneros: carta pessoal, reportagem, e-mail, sermão, receita culinária, bilhete, piada, edital de concurso, diálogo informal, bula de medicamento, resenha, inquérito policial, conversas por computador, etc. (Dias, 2012, p. 5)

A partir dessa colocação, podemos pensar em como existem gêneros variados e como começamos a usar alguns e diminuir o uso de outros. A carta e o telegrama, por exemplo, foram se tornando meios pouco eficazes em uma era de imediatismo e tecnologia. Se antes era viável aguardar dias por uma resposta, isso já não é mais uma realidade hoje. Por um lado, a carta ou o telegrama exigiam que o responsável fosse até uma agência para fazer o envio e, por outro lado, eram um meio onde se contava com a falta de pressa do destinatário para receber aquele conteúdo. Inicialmente o imediatismo começa a dar sinais com o uso do Sedex¹⁴ que é uma a modalidade de entrega expressa dos Correios. A modalidade é definida como a solução ideal para quem precisa de rapidez e eficiência na hora de enviar e receber encomendas em todo o país.

A velocidade das informações aliada à tecnologia começa a dispensar esse uso em alguns casos. Os e-mails vão substituindo as cartas e mais adiante os aplicativos de mensagens vão tirando o espaço do telegrama. Esse é apenas um exemplo quando falamos dos gêneros que variam, que se modificam e até mesmo desaparecem com o passar do tempo.

Essa ideia das relações entre os gêneros e as mudanças históricas na sociedade também é tratada por Bakhtin. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (Bakhtin, 2019, p. 20).

¹⁴ <https://blog.melhorenvio.com.br/o-que-e-sedex/> Acesso em: 19 de janeiro de 2024.

Essa variedade de gêneros textuais ajuda a retratar pensamentos e ideias baseadas ou influenciadas por questões históricas e socioculturais. Falamos sobre as cartas, que podemos pensar como um exemplo mais extremo; mas se lembrarmos do telegrama, das mensagens enviadas pela caixa postal ou pelos antigos *paggers*, vemos um formato que não é mais usual atualmente. Os recados enviados para os *paggers*¹⁵ apresentavam um formato que se assemelha ao SMS (serviço de mensagens curtas com até 160 caracteres); mas, diferente desse; ali não era possível responder à mensagem, pois era um dispositivo apenas para receber mensagens curtas. Eram recados para avisos simples e que eram enviados enquanto a pessoa estava na rua. O equipamento foi usado nos anos 1980 e 1990, quando o celular era usado por uma pequena parcela da população.

Marcuschi¹⁶ define o gênero textual como uma expressão bem diferente do tipo textual. Enquanto o primeiro é definido como realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas, o segundo é caracterizado por ele como constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas.

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas¹⁷ definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (Marcuschi, 2003, p.4)

Partindo dessa premissa, percebemos que os gêneros textuais são formas variadas de comunicação. Cada gênero possui características que o inserem em determinado grupo. Uma receita culinária, por exemplo, é um gênero facilmente identificado pelas características padrões que possui. Em geral, é um texto mais objetivo, com verbos no imperativo determinando as ações que precisam ser feitas para que a receita seja concluída.

¹⁵ [https://www.bbc.com/portuguese/geral-49940482#:~:text=O%20pager%20\(que%20no%20Brasil,Ele%20continua%20em%20uso%3F](https://www.bbc.com/portuguese/geral-49940482#:~:text=O%20pager%20(que%20no%20Brasil,Ele%20continua%20em%20uso%3F)

¹⁶ MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

¹⁷ Aqui optamos por manter a grafia original da citação.

Uma receita culinária é um gênero que segue sendo usado e reconhecido com o passar dos anos. A modernidade ainda não interferiu na forma como uma receita é passada, entretanto, anteriormente mencionamos a existência de gêneros em declínio e outros emergentes. Dentre estes últimos, podemos citar exemplos de gêneros que sofreram alterações decorrentes do avanço tecnológico. Como dito por Dias (2012, p.2), na lista desse tipo de gênero temos e-mails e páginas de redes sociais.

Os gêneros textuais estão relacionados a suas condições de uso. Travaglia (2018, p.1340) pontua as principais categorias de textos e exemplos:

Categorias:	Exemplos:
Descritivo	perfil, qualificação, classificado
Dissertativo	tese, artigo acadêmico, editorial de jornal
Injuntivo	mensagem religiosa-doutrinária, manuais, receitas
Narrativo	notícias, novelas, biografia
Argumentativo	textos publicitários, artigos de opinião, petições
Preditivo	boletins meteorológicos, programas de viagem
Humorístico	piadas, esquete humorístico
Lírico	soneto, poemas bucólicos, hino

O narrativo, que tem o gênero notícia como um dos exemplos, apresenta dois subtipos, o expositivo e o explicativo. Sobre alguns exemplos de gênero da comunidade jornalística, Travaglia (p.1353) cita notícia, reportagem, chamada, notas, “*fait-divers*”, sub-retranca, editorial, entrevista, carta ao leitor etc.

A Base Nacional Comum Curricular¹⁸ contém os seguintes tipos de gêneros textuais: narrativo, descritivo, dissertativo, expositivo e injuntivo. Os tipos são semelhantes ao enumerados por Travaglia, mas diferente do autor, na BNCC, são apresentados como práticas de linguagem e divididos por campos de experiência.

Campo de experiência de vida cotidiana:	Conto, poema, notícia, receita, cartas etc.
Campo de experiência da vida social:	Notícia, entrevista, slogan, debates etc.
Campo de experiência da vida cultural:	Peça teatral, música, filme, memes etc.

¹⁸ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa> Acesso em 2 de junho de 2024.

Campo de experiência da vida científica e tecnológica:	Artigo científico, resumo, manual técnico, e-mails, instrução de uso etc.
Campo de experiência do trabalho, da produção e do consumo:	Anúncio, propaganda, notícia, e-mails, mensagens instantâneas etc.

Nos últimos anos, as pesquisas desenvolvidas sobre gêneros textuais tem sido uma área muito produtiva dentro da linguística, principalmente no que diz respeito à linguagem em uso e às atividades culturais, cognitivas e sociais. Isso acontece porque os gêneros são vistos como elementos dinâmicos da interação social, em contraposição a modelos fixos e estruturas rígidas. Dentro de uma abordagem que considera a linguagem em funcionamento, o estudo dos gêneros textuais está se tornando cada vez mais interdisciplinar. Esse estudo envolve análises textuais e discursivas, uma descrição da língua e uma compreensão do contexto social. Além disso, leva em conta aspectos históricos e socioculturais relacionados ao uso da língua em diferentes formas de comunicação na nossa sociedade do dia a dia. (Lima, 2011, p.3)

Koch (2006, p.101) aborda a dificuldade enfrentada por estudiosos em uma tentativa de classificar os gêneros textuais. A autora ressalta que isso acontece pela quantidade de gêneros. Ela também defende que um outro fator é que os gêneros, como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações que podem originar novos gêneros. Em um comentário sobre o gênero notícia, Koch (2006, p. 113) ressalta que a função preponderante é informar com um discurso objetivo e, por se tratar de um exemplo retirado de um jornal impresso, a autora também pontua outras características como a diagramação e a ilustração. Essa colocação se torna relevante nesse trabalho à medida que vamos abordar o gênero notícia, mas em uma análise voltada para a televisão e em meios mais informais.

Antunes (2009) também discorre sobre alguns pontos que demonstram que os gêneros também são flexíveis

variam no decorrer do tempo, das situações, conforme a própria trajetória cultural diferenciada dos grupos em que acontecem. Variam ainda porque assumem novas formas, novas representações e valores: porque alteram sua frequência de ocorrência ou, ainda, porque surgem “caras novas”, isto é, surgem gêneros novos (o *e-mail*, o *blog*, a teleconferência, por exemplo). (p.55)

Segundo Santos e Tretin (2021, p.4), os gêneros textuais são enunciados que cumprem um propósito interativo em diferentes contextos da sociedade. Isso pode ser percebido quando analisamos a variedade de gêneros existentes e como esses contribuem para a comunicação.

Os gêneros estão na base dos processos de interação humana. As autoras ressaltam ainda que os gêneros são múltiplos e elaborados a partir de diferentes linguagens, mas elas destacam a oral e a escrita.

Ainda existem exemplos em que os gêneros são produzidos de maneira escrita, mas são apresentados de forma oral. Esse caso é exposto por Marcuschi (2003) que cita as notícias apresentadas na televisão ou no rádio e textos escritos para cerimônias religiosas: Nós ouvimos aquelas notícias, mas elas foram escritas e são lidas (oralizadas) pelo apresentador ou locutor. Assim, é bom ter cautela com a ideia de gêneros orais e escritos, pois essa distinção é complexa e deve ser feita com clareza. Veja-se o caso acima citado das jaculatórias, novenas e ladainhas. Embora todas tenham sido escritas, seu uso nas atividades religiosas é sempre oral. Ninguém reza por escrito e sim oralmente. (p.14)

O trecho anterior destaca a complexidade da distinção entre gêneros escritos e gêneros orais na comunicação humana. Enquanto muitas vezes pensamos meramente em textos escritos, como algo que é lido, e textos orais, como algo que é falado, a realidade é mais complexa. Os textos podem assumir formas diversas sendo oralizados ou não. Um desses exemplos são os textos jornalísticos que são escritos e depois podem ser lidos em um programa de televisão ou de rádio.

Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Eles possuem modelos ou padrões que permitem que as pessoas tenham uma noção do que esperar. Podemos usar como exemplo um *e-mail* ou um artigo de jornal, nesses casos é possível identificar características que seguem um padrão. Em resumo, os gêneros textuais desempenham um papel crucial na estruturação e estabilização das atividades comunicativas cotidianas, fornecendo modelos reconhecíveis, facilitando a interação, estabelecendo expectativas compartilhadas e preservando tradições culturais (Lima, 2011, p.40).

Segundo Koch e Elias (2003, p.114), os gêneros textuais podem ainda assumir a forma de outro gênero, é a chamada hibridização ou a intertextualidade intergêneros. Ainda de acordo com as autoras, esse fenômeno pode ser observado, por exemplo, em anúncios, tirinhas e artigos de opinião. Os anúncios, que possuem como característica a presença de termos usados no *marketing*, podem também apresentar humor por exemplo. Assim como as tirinhas, que costumam ter humor, mas também pode trazer reflexões sobre temas que estão sendo discutidos pela sociedade.

Na próxima seção vamos nos ater ao gênero notícia, englobando, portanto, os possíveis formatos de textos usados para transmitir uma notícia. No caso específico das tarjas dos telejornais, que serão o objeto de estudo dessa dissertação, são textos escritos e que são

lidos pelo telespectador, mas nunca pelos apresentadores ou âncoras do telejornal durante a apresentação.

3.1 Gênero notícia

Como vimos anteriormente, os gêneros textuais são potencialmente infinitos. Cada um tem características diferentes que os fazem atingir diversos objetivos. Entre esses gêneros textuais, vamos analisar, nesta seção a notícia que é um exemplo do gênero narrativo. Para essa análise, vamos recorrer a autores como Marques de Melo (2010), Koche (2011) e Marcuschi, (2002) que possuem textos voltados para esse gênero em específico.

A utilização da língua varia de acordo com a finalidade do meio de comunicação, o tópico abordado e o público-alvo, neste caso, os telespectadores. Embora a informalidade seja uma característica presente em algumas tarjas de telejornais contemporâneos, veiculados no país, é importante destacar que, mesmo diante dessa diversidade de características, concentraremos nossa atenção nos elementos comuns a todos os tipos de notícias.

Segundo Melo (2010), os gêneros jornalísticos podem estar divididos em cinco tipos que abrangem diferentes categorias de texto: opinativo, informativo, interpretativo, diversional e utilitário. O gênero opinativo está presente nas resenhas, artigos, editoriais, comentários, colunas, caricaturas, entre outros. O gênero informativo é notado nas notícias, reportagens, entrevistas e notas. Já o gênero interpretativo está presente nas enquetes, perfis e dossiês. O gênero diversional, com histórias de interesse humano e histórias coloridas que “dão ênfase ao ambiente, trata-se de uma narrativa “impressionista”, que faz imersão nos acontecimentos, ressaltando detalhes essenciais à ação de protagonistas e coadjuvantes”. O gênero utilitário com as categorias: indicador, cotação, roteiro e serviços.

O gênero opinativo é o que apresenta a opinião do autor sobre determinado assunto. Esses textos são argumentativos e persuasivos. O gênero informativo busca trazer as informações de forma objetiva, clara e imparcial. O gênero interpretativo tem como objetivo interpretar e analisar o que acontece. O gênero diversional busca entreter o leitor com textos mais leves. O gênero utilitário é prático, objetivo e busca atender a uma necessidade do leitor.

Todos esses gêneros possuem características bem definidas que podem identificadas mesmo por quem não é do meio da comunicação. Suponhamos que uma pessoa acaba de comprar um jornal em uma banca, ela saberá que na capa vai encontrar notícias em destaque,

que serviços, artigos, caricaturas e colunas vão estar em outras partes do jornal. Assim como a pessoa que liga a televisão em um telejornal e pressupõe que as matérias importantes aparecem logo no início e o esporte, na maioria das vezes, será incluído no último bloco.

Como pesquisadora e profissional da área pude identificar mais facilmente esse padrão por estar inserida nesse contexto, mas isso é perceptível também para quem é um telespectador assíduo. Apesar de ser um padrão adotado, quase que uma regra no meio, não significa que um dia, como em uma final de um campeonato mundial, a vitória da seleção brasileira não tire o protagonismo de outras notícias vistas como mais relevantes.

Rabaça e Barbosa (2002, p.227) separam o jornalismo em diferentes categorias:

Informativo: ênfase à notícia objetiva, a informação pura, imparcial, pessoal e direta; limita-se a narrar os fatos. Interpretativo – embora a notícia, a informação de fatos correntes, continue sendo o ingrediente básico, verifica-se uma sensível tendência ao gênero interpretativo, em substituição a rigorosa objetividade da notícia presa aos fatos. Opinativo – representado principalmente nos editoriais e em alguns artigos, crônicas e sueltos. Não se deve confundir interpretação com opinião. A interpretação é constituída de elementos adicionais que tornam a informação mais explícita e contextualizada. Opinião é o ponto de vista exposto; é o juízo que se faz do assunto. (p.227)

O gênero informativo tem como principal foco oferecer informações objetivas, diretas e imparciais sobre o fato. Ele se limita a relatar o que aconteceu sem emitir opiniões do autor. Essa colocação exprime uma noção de imparcialidade que é uma busca eterna do jornalista. Embora reconheça que isso faz parte da função do profissional, às vezes a escolha de uma palavra pode dar uma conotação diferente ou acabar passando uma opinião nem sempre de maneira intencional. Em uma notícia de uma manifestação podemos escolher entre as palavras “pessoas”, “manifestantes” ou “vândalos”. Essa escolha pode ir ao encontro da linha editorial de determinado veículo, levando em conta a postura das pessoas envolvidas ou o tom crítico em relação ao ato.

Quando pensamos no interpretativo, vemos um gênero que vai além da simples ação de informar. Nesse cenário, são feitas análises e incluídos elementos para contextualizar a notícia. Pode ser uma reportagem contextualizando uma guerra, uma crise econômica ou uma mudança política, em que, além do fato principal, também estão presentes entrevistas com especialistas e outros recursos que possam ajudar a construir o pensamento.

No gênero opinativo, não há posições veladas. Este gênero é o representado por artigos de opinião, crônicas, colunas e editoriais. O autor expõe sua opinião, faz análises mais subjetivas e conduz uma linha de raciocínio de acordo com o que acredita sem necessariamente consultar ou citar algum especialista. Esse gênero aparece na televisão

quando são chamados comentaristas ou analistas que interagem com os apresentadores ou quando o próprio apresentador lê um texto, chamado editorial, representando um posicionamento da empresa onde trabalha.

Benassi (2009) citando Koche define notícia como um formato de divulgação de um acontecimento por meios jornalísticos.

É a matéria-prima do Jornalismo, normalmente reconhecida como algum dado ou evento socialmente relevante que merece publicação numa mídia. Quanto às suas partes constitutivas, a notícia é composta por: • título (frase de destaque que contém a chamada principal ao assunto do texto); • subtítulo (situado logo abaixo do título, com informações complementares); • lide (parágrafo inicial, que apresenta ao leitor as principais informações sobre o fato noticiado); • corpo textual (desmembramento / aprofundamento das informações apresentadas no lide) (Koch, 2011. p. 20).

Na definição acima, identificamos pontos que formam a estrutura básica do jornalismo, presentes nos veículos impressos e adaptados para a televisão. No gênero notícia, sempre teremos um título com a função de chamar a atenção do leitor e resumir o que será tratado; o subtítulo ajudando a contextualizar, ou ampliar a compreensão do leitor sobre o tema tratado; o “lide”, onde são respondidas as perguntas básicas como quem, o quê, onde, quando, por que e como; e, por último, o corpo do texto com todas as outras informações adicionais coletadas para compor a matéria.

Sobre o gênero notícia, Silva (2022, p.11) enumera algumas características comuns ao gênero, como, por exemplo, o *lead* que é termo do jornalismo que remete a um resumo do assunto que será abordado. Espera-se que o lead responda as perguntas: o que, quando, onde, como, por que e quem. A autora ainda pontua fatores contextualizadores indispensáveis ao gênero

Em outros gêneros, alguns deles podem até não ser necessários, mas no caso do gênero notícia, elementos como assinatura, substituída no gênero pelo nome do autor, localização, data e elementos gráficos devem fazer parte de sua estrutura, já que os manuais de enfrentamento de Fake News os destacam como parte de uma notícia verdadeira.

O gênero notícia passa por alguns processos durante sua construção. Lage (1997, p. 5) explica que inicialmente são selecionados os eventos que estão acontecendo e um recorte do que levou a determinada situação. Passada a seleção, é discutida a ordem, assim o acontecimento geralmente é relatado a partir do evento mais importante. Por último, vem a etapa de construir a notícia.

Sobre a construção da notícia recorro ao que foi escrito por Travaglia (p. 1373) ao explicar que existem alguns gêneros em que a presença de várias linguagens é o que os caracteriza. Em relação a reportagens, impressas ou na televisão, ele cita que a linguagem básica é a verbal, mas que outras formas de linguagem podem ter um papel importante para esclarecer e complementar a informação, como fotos, gestos, sons e gráficos.

Observando a construção da notícia atualmente, podemos perceber como esses elementos estão presentes. Cada vez mais são usados recursos para construir uma notícia. Se antes poderíamos pensar, no caso do jornal impresso, em apenas um texto, hoje temos fotos, gráficos e outros elementos. Assim como na televisão, antes víamos muitos telejornais com um apresentador sentado em uma bancada lendo as notícias. Atualmente os jornais utilizam telões, cenários interativos, mapas, gráficos e outros elementos que enriquecem a forma como a informação é passada para o telespectador.

Segundo Marcuschi, vivemos atualmente um momento em que há muita influência da internet em todos os campos e essa provoca uma mudança nos gêneros e nos meios de comunicação.

Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita. Isto é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. (Marcuschi¹⁹, 2002, p.1)

Como podemos identificar na afirmação de Marcuschi, a influência da internet interfere diretamente em outros campos da comunicação. Vivemos hoje em uma cultura muito voltada para o uso de dispositivos eletrônicos, o que tem impulsionado a criação de novos gêneros e formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita.

A título de exemplo, podemos pensar na ligação telefônica que foi substituída por aplicativos de mensagens de textos, conversas por vídeo entre outros. O rádio e a televisão saíram dos formatos tradicionais e se expandiram para a internet, redes sociais e formatos *podcasts*²⁰(programa em áudio). A internet, de forma geral, impulsionou o surgimento de muitos gêneros que vão desde os já citados anteriormente a fóruns de discussão, redes sociais que permitem pequenas postagens e outros gêneros que misturam oralidade e escrita.

¹⁹ MARCUSCHI, Luiz. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. Acesso em 29 de fevereiro de 2024. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf

²⁰ <https://www.uol.com.br/tilt/faq/o-que-e-podcast.htm> Acesso em 3 de abril de 2024.

Segundo Rosa (2009, p.5), o gênero notícia tem como exemplos textos com frases curtas e em ordem direta, com a finalidade de facilitar a circulação da informação e o entendimento do texto pelo leitor. A autora afirma que a notícia é de forma resumida um fato novo que desperta o interesse do público a que o jornal ou meio de comunicação se destina.

Toda essa contribuição deve ser pensada sempre priorizando a imparcialidade. Essa ideia de praticidade, de uma linguagem mais direta, coloquial sem deixar de ser formal, é a ideia que a maior parte das pessoas tem quando falamos em jornalismo. O texto precisa ser objetivo e direto, com frases curtas e com um vocabulário próximo do usual para a maior parte dos falantes. Apesar de ser um gênero, *a priori*, com características bem definidas, vem sofrendo mudanças. O tom formal, objetivo e direto vem cedendo o coloquialismo e à menor objetividade.

4 AS FACES DA INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade é a relação entre diferentes textos, como defende Kristeva (1969, p.85), ao afirmar em uma das primeiras definições sobre o tema que “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

A intertextualidade pode se manifestar de duas maneiras distintas. Ela pode estar presente nos textos de forma explícita ou implícita. A intertextualidade explícita ocorre quando a referência é feita de maneira direta, frequentemente citando nominalmente o autor ou a obra anterior. Por outro lado, na intertextualidade implícita, essa citação não é realizada de forma tão evidente. Nesse caso, cabe ao leitor a tarefa de buscar e identificar essa referência, muitas vezes por meio de conexões sutis e contextuais.

Como exemplo da primeira Koch e Elias (2003) citam os resumos, as resenhas, as traduções, as citações e a referência. Já para a segunda são citadas as paródias, as alusões e certos tipos de paráfrases e ironias. Segundo as autoras, nesse tipo

exige-se do interlocutor uma busca na memória para a identificação do intertexto e dos objetivos do produtor do texto ao inseri-lo no discurso. Quando isso não ocorre, grande parte ou mesmo toda a construção do sentido fica prejudicada. (Koch; Elias, 2003. p.92)

Essa citação reforça os questionamentos em relação ao quanto se perde de uma notícia quando esse uso acontece no jornalismo. A função principal do jornal, que é informar, pode acabar comprometida dependendo do nível da intertextualidade; se for algo muito restrito a um público específico, a intertextualidade pode se tornar um obstáculo entre o leitor e a mensagem.

Como explica Benassi (2009, p.3),

A notícia é um formato de divulgação de um acontecimento por meios jornalísticos. É a matéria-prima do Jornalismo, normalmente reconhecida como algum dado ou evento socialmente relevante que merece publicação numa mídia. Fatos políticos, sociais, econômicos, culturais, naturais e outros podem ser notícia se afetarem indivíduos ou grupos significativos para um determinado veículo de imprensa.

Além da intertextualidade propriamente dita e do dialogismo²¹, um termo da língua francesa também foi usado por autores em estudos sobre esse tipo de produção: é o

²¹ Definição de Fiorin em Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: outros

détournement. O conceito criado por Grésillon e Maingueneau (1984) é relacionado aos exemplos de intertextualidade implícita. O termo não tem uma tradução na língua portuguesa que se encaixe com a ideia original e, por isso, segue sendo usado no Brasil no francês. Segundo Silva e Pontes (2021), ele poderia ser traduzido como “‘distorção’, ‘malversação’ ou ‘deturpação’”. No entanto, sofreria alterações, não mantendo o significado original”.

Ainda segundo Koch e Elias (2003, p. 93), o termo trata de uma intertextualidade implícita produzida por meio de substituições, supressões, acréscimos, transposições operadas pelo enunciado-fonte. Essa intertextualidade implícita é construída pelo leitor que vai reconhecer as relações entre o texto em questão e outros textos que já leu antes. Destinchando os pontos discutidos pelos autores: a substituição, ou seja, é a troca de um elemento do texto, isso pode acontecer quando são trocadas palavras, frases ou expressões por outras que tem um significado similar ou complementar; supressão, que é a retirada de um elemento do texto; acréscimo, que nada mais é que a adição ou inclusão de palavras que amplia o texto original; e transposição, que é uma mudança de ordem de um elemento do texto-fonte no texto-receptor.

Para Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p.18), é possível identificar diferentes tipos de intertextualidades, além da implícita e da explícita já citada por outros autores, existem também a temática e a estilística.

A intertextualidade temática é a encontrada, por exemplo, entre textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou de uma mesma corrente de pensamento, que partilham temas e se servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica; entre matérias de jornais e da mídia em geral, e um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal; entre as diversas matérias de um mesmo jornal que tratam desse assunto; entre as revistas semanais e as matérias jornalísticas da semana; entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero, como acontece, por exemplo, nas epopeias, ou mesmo entre textos literários e estilos diferentes.

conceitos chave (2006, p.81): Há claramente uma distinção entre as relações dialógicas e aquelas que se dão entre textos. Por isso, chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo intertextualidade fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro. Por exemplo, quando a relação dialógica não se manifesta no texto, temos interdiscursividade, mas não intertextualidade” Definição de Maciel em A (in)distinção entre dialogismo e intertextualidade. Linguagem em (Dis)curso – L (2017, p.149): O termo “intertextualidade” sugere uma relação externa entre textos e, ao que parece, é nesse sentido que o vocábulo vem sendo usado. Porém, mesmo nesse caso, o termo “dialogismo” ou a expressão “relações dialógicas” são mais apropriados por remeterem à ideia de que não se retomam “textos”, como uma unidade abstrata, mas vozes de sujeitos histórica e discursivamente inscritos

Essa intertextualidade descrita acima acontece quando textos diferentes convergem para o mesmo tema ou para uma mesma ideia. O segundo tipo que apresentado pelas autoras é a intertextualidade estilística.

A intertextualidade estilística ocorre, por exemplo, quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas: são comuns os textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade.

Após essa explicação as autoras colocam exemplos retirados da internet de textos que fazem repetições em relações com outros textos, como um que reescreve uma conhecida oração e outros exemplos onde as referências são poesias.

Segundo Fiorin (2006), “o conceito da intertextualidade concerne ao processo de construção, reprodução ou transformação de sentido”. O autor destaca as formas mais usadas quando falamos de intertextualidade. Os processos citados por ele são: citação, alusão e estilização. Em relação à citação, o autor defende que pode confirmar ou alterar o sentido do texto citado. Sobre a alusão ele explica que neste caso:

Não se citam as palavras (todas ou quase todas), mas reproduzem-se construções sintáticas em que certas figuras são substituídas por outras, sendo que todas mantêm relações hiperonímicas com o mesmo hiperônimo ou são figurativizações do mesmo tema. (Fiorin, 2006. p. 31)

Já para a estilização, o autor apresenta uma definição mais breve, resume-a como a “reprodução dos conjuntos de procedimentos da linguagem de outrem, isto é, o estilo de outrem”. A colocação se refere a utilizar ou imitar o estilo, padrões ou técnicas de outra pessoa, como se alguém criasse algo semelhante ao que outra pessoa já fez, seguindo os mesmos passos ou métodos. Em outras palavras, é como copiar o jeito de fazer algo de outra pessoa. Para definir estilo ele recorre a uma explicação de Bertrand (1985) e coloca estilo como “conjunto das recorrências formais tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo”.

Marcuschi também cita outros pontos referentes à intertextualidade e às relações transtextuais presentes no Dicionário de análise do discurso:

Intertextualidade, que supõe a presença de um texto em outro (por citação, alusão etc.); a paratextualidade, que diz respeito ao entorno do texto propriamente dito, sua periferia (títulos, prefácios, ilustrações, encarte etc.); a metatextualidade, que se refere à relação de comentário de um texto por outro; a arquitextualidade, bastante mais abstrata, que põe um texto em relação as diversas classes às quais ele pertence (tal poema de Baudelaire se encontra em relação de arquitextualidade com a classe

dos sonetos, com a das obras simbolistas, como a dos poemas, com a de obras líricas etc.): a hipertextualidade, que recobre fenômenos como a paródia, o pastiche etc. (Marcuschi, p. 130)

O conceito de paratextualidade diz respeito aos elementos que cercam o texto principal e contribuem para sua interpretação ou contextualização. Isso inclui elementos como títulos, prefácios, ilustrações, notas de rodapé, glossários e outros materiais adicionais que acompanham o texto principal. A metatextualidade envolve a relação em que um texto comenta ou faz referência a outro texto. Podemos citar como exemplo um crítico literário que pode escrever uma análise sobre um romance, comentando suas técnicas narrativas, temas e influências literárias.

A arquitextualidade é uma abordagem mais abstrata que coloca um texto em relação com as diferentes categorias ou classes literárias a que ele pertence. Como exemplo podemos pensar em um autor específico como Graciliano Ramos que pode ter sua obra *Vidas Secas* relacionada a outras obras modernistas. A hipertextualidade se refere a fenômenos em que um texto faz referência, imita ou se inspira em outros textos. Isso inclui práticas como paródia e outras formas de intertextualidade que criam conexões entre textos diferentes.

Apesar da presença constante da intertextualidade nem sempre ela é percebida como defende Costa Val

intertextualidade é fundamental, indispensável, na constituição de qualquer texto. Pode ser que o próprio locutor não se dê conta de ‘com quantos textos se faz o seu texto’; pode ser que o alocutário não (re)conheça todos os textos envolvidos na construção dos textos que ele ouve ou lê. Mesmo assim, sem ‘enxergar’ todo o processo, estão lidando com a intertextualidade. (2006. p.6)

Essa afirmação reforça que mesmo sem perceber, ou até sem uma intencionalidade, a intertextualidade está presente em muitos textos seja por referências mais sutis ou conexões mais explícitas entre textos.

4.1 Intertextualidade no jornalismo

A intertextualidade está presente em vários gêneros textuais e um deles é o gênero notícia. A intertextualidade vem sendo usada no jornalismo de diferentes formas, seja para

estabelecer conexões com outros fatos de um mesmo assunto, seja remeter a algum termo usado na atualidade para explicar determinado caso.

Quando pensamos na notícia veiculada na televisão, que é o nosso objeto de estudo, reforço o que foi colocado por Bourdieu (1997, p.18) sobre o instrumento televisual

Com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo. Daí certo número de questões prévias: o que tenho a dizer está destinado a atingir todo mundo? Estou disposto a fazer de modo que meu discurso, por sua forma, possa ser entendido por todo mundo? Será que ele merece ser entendido por todo mundo? Pode-se mesmo ir mais longe: ele deve ser entendido por todo mundo?

Essa citação aborda questões importantes que cercam a comunicação na televisão, que é um dos meios com o maior alcance, principalmente se formos pensar nos canais de tv aberta que podem ser sintonizados com qualquer tipo de antena sendo assim mais viáveis para uma parcela da população que não possui tv por assinatura. Em sua primeira questão Bourdieu faz o comunicador refletir sobre a relevância do que será veiculado, isso nos faz pensar se essa notícia é para um público amplo e diversificado ou para um público específico.

Na segunda questão ele toca em um ponto que considero crítico quando optamos por usar a intertextualidade. “Estou disposto a fazer de modo que meu discurso, por sua forma, possa ser entendido por todo mundo?” Esta pergunta refere-se à clareza e à acessibilidade da forma como a mensagem é apresentada. O autor questiona se o discurso é comunicado de uma maneira que seja compreensível para todos, independentemente de seu nível de educação, cultura ou experiências gerais.

Na terceira pergunta, o autor levanta um questionamento sobre se o conteúdo tem importância, valor e é pertinente para o público geral. Essa é uma triagem que é feita por vezes nas redações, antes de a reportagem começar a ser produzida. Já na última questão ele vai mais adiante e indaga se é ético ou desejável que certos conteúdos sejam acessíveis a todos. Essa reflexão pode envolver considerações sobre a sensibilidade do assunto, a adequação para diferentes faixas etárias ou culturas, ou mesmo questões de privacidade e segurança.

O papel do jornalismo é fundamental na sociedade, pois sua principal função é informar a população de maneira precisa e imparcial. Traquina (2005, p.19) aponta que

Poeticamente podia-se dizer que o jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e de mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente (...) Os

jornalistas responderiam prontamente, como define a ideologia profissional desta comunidade, que o jornalismo é a realidade.

Cada meio de comunicação possui seus próprios recursos e características distintas. Os jornais impressos usam textos e fotos para transmitir as notícias, publicam edições diárias ou semanais e se propõem a disponibilizar uma visão mais aprofundada dos acontecimentos.

Quando acessamos as páginas de notícias na internet, o chamado jornalismo *on-line*, percebemos que não apresentam o formato dos jornais impressos, mas contam com atualizações ao longo do dia. Além dos textos e das fotos, possuem recursos adicionais como os *links* (que direcionam o leitor para outras partes da notícia) e vídeos (que complementam a informação inicial).

O meio mais atualizado segue sendo o rádio; não é preciso muitos elementos para que uma atualização seja dada ao vivo, segundos após a apuração do jornalista. O rádio reúne um pouco do imediatismo da internet e da televisão, permitindo que a notícia seja atualizada ao longo do dia de forma mais rápida e simples que em outros meios.

No telejornalismo, as notícias são atualizadas em tempo real, para isso a emissora recorre a repórteres que estão na rua e podem entrar ao vivo ou enviarem vídeos que possam contribuir para o entendimento do público. Pensando na tecnologia dos dias atuais, nas transmissões que demandam mesmo estrutura, a televisão segue sendo um meio dinâmico.

O jornalismo tem algumas teorias para explicar por que as notícias são como são: a teoria do espelho, a teoria da ação pessoal ou a do *gatekeeper*, a organizacional, as teorias de ação política, as construcionistas, a teoria estruturalista e a interacionista²². Em nosso trabalho, vamos adotar a teoria do espelho, que pode ajudar a entender por que a linguagem usada pela sociedade se reflete no jornalismo. Essa é a teoria mais antiga e defende que as notícias são como são, porque a realidade assim as determina.

4.1.1 Intertextualidade e suas relações diretas

Koch (2003, p.77) explica que nem sempre a intertextualidade se constitui de forma desvelada. Existem textos em que as fontes são reveladas e outros não. Em alguns casos, isso acontece quando o autor já pressupõe que o leitor tenha um conhecimento dessa referência.

²² Citadas no capítulo 6 do livro Por que as notícias são como são.

Quando falamos de intertextualidade explícita, estamos falando de exemplos em que esse recurso remete diretamente às referências do texto. Essa intertextualidade explícita é aquela presente em citações diretas, *hiperlinks* e referências. Essa intertextualidade pode ser encontrada facilmente em textos jornalísticos em meios impressos e até na televisão. Em algumas reportagens,²³ o repórter cita: “Em uma publicação em uma rede social o diretor da Petrobrás, Jean Paul Prattes, afirmou ‘nosso foco neste momento está em garantir o melhor atendimento ao nosso empregado. Uma equipe multidisciplinar da Petrobrás vem prestando todo o suporte ao empregado e familiares’” – publicação feita no dia 13 de março de 2024, após o caso de um funcionário da estatal ser baleado em um sequestro a um ônibus na Rodoviária do Rio.

Em janeiro de 2024, muitas matérias usaram a frase “Vocês vão ter que me engolir”²⁴ na semana em que noticiaram a morte do ex-técnico da seleção brasileira Mário Lobo Zagallo. A frase dita por ele em tom de desabafo, após um jogo em 1997, ficou marcada na história do esporte e até na vida de muitas pessoas que não são ligadas ao mundo esportivo. Esse é um exemplo de citação direta que alcança um grande público, sem que seja necessário explicar que é uma frase de Zagallo.

A chamada intertextualidade implícita é a que traz referências de ditos populares, referências intratextuais, ironias e alusões. Essa será a intertextualidade que vamos buscar nas legendas dos telejornais que serão analisados no capítulo seguinte dessa dissertação de mestrado.

Sobre a intertextualidade implícita, Koch afirma que

o que ocorre de maneira geral, é que o produtor espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, particularmente no caso da subversão. (Koch, 2004, p. 146)

Esse ponto citado por Koch reforça percepções que temos quando assistimos a algum telejornal com pessoas de classes sociais variadas e idades distintas. Uma pessoa mais jovem terá mais facilidade de identificar conteúdos referentes a músicas atuais, relacionados a gírias. Por outro lado, uma pessoa mais velha terá mais facilidade quando for um conteúdo que remeta a acontecimentos anteriores.

²³ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/baleado-em-sequestro-de-onibus-no-rio-esta-em-estado-critico-mas-estavel/> Acesso em maio de 2024.

²⁴ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/01/06/voces-vaio-ter-que-me-engolir-relembre-frases-marcantes-de-zagallo.ghtml> Acesso em fevereiro de 2024.

A capacidade de compreender a mensagem em sua totalidade vai depender de todo um conhecimento prévio por parte do leitor. A intertextualidade, que pode enriquecer e trazer outros elementos para o texto, pode ser a mesma que dificulta a compreensão do leitor e reduz o alcance daquela mensagem para um público menor.

4.1.2 Intertextualidade seletiva

Tudo o que conseguimos compreender depende de um conhecimento prévio. Se não dominamos determinado assunto, ou não temos um conhecimento geral que nos permita fazer conexões com diferentes conteúdos, estamos fadados a não absorver parte de uma informação quando a intertextualidade está presente.

Nessa seção da dissertação, vamos nos dedicar a falar um pouco sobre esse tipo de intertextualidade, aqui chamada de intertextualidade seletiva, visto que nem todos têm acesso a determinado conteúdo. Essa é uma intertextualidade implícita que parte do princípio de que o leitor/ telespectador contém o conhecimento necessário para a compreensão.

Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 30),

Tem-se a intertextualidade implícita quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa quer de contraditá-lo.

Ao observamos o uso dessa intertextualidade corroboramos mais uma vez a ideia da necessidade de um conhecimento de assuntos variados para conseguir compreender a mensagem em sua totalidade.

Em relação à intertextualidade implícita, Fiorin (2003, p.30) destaca ao menos três processos: citação, alusão e estilização. A citação ocorre quando um texto traz de forma direta palavras ou ideias de uma fonte específica no próprio texto. Esse recurso pode ser usado para reforçar ideias ou exemplificar de forma mais clara o que é dito pelo autor. Esse é um uso recorrente no jornalismo e que faz parte do formato que exige que tudo o que é publicado possua alguma referência.

A alusão é uma referência indireta a uma obra literária, a um evento ou a uma pessoa em um texto. O uso de alusões pode contribuir de forma positiva para o texto, invocando associações culturais ou literárias no leitor e aprofundando o significado da obra em questão.

A estilização é o processo de dar forma ou estilo a um texto. A estilização pode ser usada para obter efeitos estéticos ou comunicativos, além de ser bastante diversa, dependendo do autor e do contexto cultural. Esse texto pode seguir em acordo ou ir contra o sentido de outro texto. Esse processo de dar estilo ou forma pode ser caracterizado por conter escolhas específicas em relação ao vocabulário e à estrutura do texto.

Zani (2006, p. 123) também defende a ocorrência intertextual por meio desses três processos:

A citação confirma ou altera o sentido do discurso mencionado e faz-se presente também em outros meios, como no teatro que cita as artes plásticas, no cinema que recorre ao teatro e nas artes plásticas que citam a própria História da Arte. A citação firma-se por mostrar a relação discursiva explicitamente e todo o discurso citado é, basicamente, um elemento dentro de outro já existente. Por sua vez, a alusão não se faz como uma citação explícita, mas sim, como uma construção que reproduz a ideia central de algo já discursado e que, como o próprio termo deixa transparecer, alude a um discurso já conhecido do público em geral. Por fim, a estilização é uma forma de reproduzir os elementos de um discurso já existente, como uma reprodução estilística do conteúdo formal ou textual, com o intuito de reestilizá-lo.

O autor destaca a presença da intertextualidade em diversos meios. A citação como um exemplo explícito de referência direta, a alusão como uma reprodução de um discurso já existente e a estilização como uma releitura.

Araújo e Souza (2009, p. 574) propõem quatro tipos de intertextualidade: temática, estilística, explícita e implícita. O primeiro destacado pelos autores ocorre quando textos diferentes dividem temas e usam conceitos e terminologias próprios. O segundo tipo ocorre quando o produtor do texto, usa por objetivos diversos a repetição ou faz paródias de outros estilos ou variedades linguísticas. No terceiro tipo, no próprio texto consta a referência à origem do intertexto. Para tal, os autores listam como exemplos citações, resumos, resenhas. Já o quarto tipo, é a intertextualidade implícita, marcada pela presença de um intertexto alheio, sem que seja feita qualquer menção explícita da fonte. Como exemplos os autores citam a paródia ou o plágio.

Na busca por autores que discutem o assunto, localizamos denominações diversas como: intertextualidade da semelhança, captação, subversão (Sant'Anna, 1985 e Grésillon e Maingueneau, 1984), que são outras subcategorias para o termo, mas neste trabalho vamos nos ater às formas adotadas pela maior parte dos autores encontrados.

Apenas a título de conhecimento vamos discorrer sobre essas de três denominação citadas acima: na semelhança há a presença de elementos semelhantes entre dois ou mais textos, sendo uma técnica capaz de criar uma relação de coesão e interdependência; na

captação existem elementos intertextuais usados para influenciar a opinião do leitor; e na subversão são inseridos intertextuais para que questionar o texto original.

Koch (1997, p.31) fala sobre tipos de intertextualidade em sentido restrito, que ela divide entre intertextualidade de conteúdo e de forma e conteúdo:

Ocorre intertextualidade de conteúdo, por exemplo, entre textos científicos de uma mesma área ou corrente do conhecimento, que se servem de conceitos e expressões comuns, já definidos em outros textos daquela área ou corrente; entre matérias de jornais (e da mídia em geral), no mesmo dia ou no período de tempo em que dado assunto é focal; entre diversas matérias de um mesmo jornal sobre tal assunto; entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero (por exemplo, as epopeias). Tem-se intertextualidade de forma/conteúdo, por exemplo quando o autor de um texto imita ou parodia, tendo em vista efeitos específicos, estilos, registros ou variedades de língua, como é o caso de textos que reproduzem a linguagem bíblica, a de determinado escritor ou de um dado segmento da sociedade.

A autora cita três exemplos quando pensamos na intertextualidade de conteúdo: textos científicos, matérias de jornais e textos literários. Nessa pesquisa, quero destacar o que é abordado em relação a matérias de jornais. Diariamente são noticiados fatos de grande repercussão que acabam saindo em todos os jornais de diferentes emissoras. As fontes para aquela notícia variam, podemos pensar em informações passadas por um secretário de saúde que dá uma declaração relevante sobre uma epidemia, um delegado da polícia civil que conclui a investigação de um caso importante, um advogado que divulga a história de um cliente que seja de interesse público, enfim são inúmeros exemplos.

Quando um exemplo como esse é noticiado em vários jornais ou mídias no mesmo dia ou em um período próximo, pode haver intertextualidade de conteúdo. Isso acontece porque estamos tratando de um fato em que é de praxe a consulta de fontes/ entrevistados e esses serão ouvidos por todos os veículos. Por mais que uma entrevista seja concedida de forma diferente, em ambientes diversos, feita por profissionais diferentes, que possuem formas pessoais de conduzir a entrevista, os dados são similares. Talvez seja notório um detalhe a mais dependendo da emissora, do trabalho insistente de quem faz a entrevista, mas, no geral, o conteúdo não muda. Além disso, dentro de um mesmo jornal, várias matérias sobre o mesmo assunto também podem criar essa intertextualidade.

5 ALÉM DA NOTÍCIA

Os telejornais exibidos na chamada tv aberta são programas voltados para um público mais amplo, diferente do que vemos em canais da chamada tv fechada ou tv por assinatura. Neste capítulo, vamos explicar um pouco da história e do formato dos dois jornais que terão suas tarjas analisadas. Os dois jornais são veiculados no estado do Rio de Janeiro e trazem reportagens de assuntos variados como segurança, saúde, serviços, economia, lazer, tempo etc.

Com o objetivo de analisar temas variados, as legendas foram observadas entre os anos de 2022 a 2024. Nesse período, pudemos verificar episódios em que a intertextualidade assumia a mesma função. Sendo assim, para tentar fazer algo não repetitivo, optamos por fazer uma análise de um período maior. Observamos diariamente por meio do canal da Tv Bandeirantes no *youtube* e da plataforma *Globoplay* as tarjas usadas. Para a pesquisa selecionamos quinze exemplos encontrados nesse período que estão mais alinhados a nossa discussão.

5.1 RJ1

O RJ1, também chamado de RJ primeira edição, é exibido na Rede Globo de segunda a sábado. O telejornal começa às 11h45 e é encerrado às 13h00. O telejornal costuma ser conduzido pela apresentadora Mariana Gross, mas existem dias em que há a participação de outros jornalistas em quadros sobre previsão do tempo, entretenimento, esporte e assuntos de gestão pública.

No *Globoplay*, plataforma oficial da emissora, o RJ1 é resumido como: “Telejornal local com foco na prestação de serviço. Conta com a participação de comentaristas especializados em segurança, saúde e administração pública.”²⁵

O jornal estreou na emissora em janeiro de 1983, com duração de apenas dez minutos. Hoje, quarenta anos depois, ele tem setenta e cinco minutos de duração. Entre os profissionais

²⁵ Definição presente no site do Globoplay. Acesso em <https://globoplay.globo.com/rj1/t/hcSthQ56JW/>

que já apresentaram o telejornal, destaco nomes como Márcio Gomes²⁶, Marcos Hummel²⁷, Ana Paula Araújo²⁸ e Renata Capucci²⁹.

Inicialmente, o jornal se chamava RJTV, mas desde janeiro de 2018, começou a ser chamado de RJ1 e ganhou um novo pacote gráfico. O pacote deixou o jornal com uma aparência mais moderna e dinâmica com o uso de mais recursos, como mais de um telão que é usado quando o apresentador chama algum repórter que está ao vivo em algum ponto da cidade. A sigla TV ser retirada do jornal acompanhou uma mudança do jornal que também é assistido por outros meios e plataformas, já que os telespectadores também podem assistir ao programa usando outros meios, como celulares e *tablets*. Desde julho de 2022, como parte da reformulação de grade da TV Globo, o programa ganhou mais quinze minutos de duração e passou a ir ao ar às 11h45.

5.2 Jornal do Rio

O Jornal do Rio é um telejornal veiculado de segunda a sábado na tv Bandeirantes. O jornal é exibido entre 18h50 e 19h20. O Jornal do Rio tem parte de conteúdo gravado que é feito pelos repórteres durante a tarde e parte ao vivo. A parte ao vivo é a chamada das reportagens feita pela apresentadora Yasmin Bachour e as entradas de pelos dois repórteres com atualizações ao vivo, que são chamadas no vocabulário jornalístico de “*links*”.

Em seu canal oficial no Youtube (<https://www.youtube.com/@tvbandrio>), o Jornal é apresentado como: “O Jornal do Rio é ágil e comprometido com a verdade. De segunda a sábado, a partir das 18h50, você acompanha as informações mais importantes, sempre com muita prestação de serviço”. O jornal estreou em 1987; em 1993, chegou a ser chamado de Rede Cidade, até retomar o nome original em 1998. Entre os apresentadores dos últimos 36

²⁶ Márcio Gomes nasceu em São Paulo (SP) em 1970. Ele ficou durante 21 anos na Rede Globo até começar a trabalhar na CNN Brasil onde segue até hoje 17/03/2024.

²⁷ Marcos Hummel nasceu em Catalão (GO) em 1947. Passou pela Rede Globo, Rede Manchete e Record TV. Em 2023 deixou a Record TV.

²⁸ Ana Paula Araújo nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 1972. Passou pela Record TV, Rede Manchete e Rede Globo. Ana Paula entrou na Rede Globo em 1999 e segue até hoje.

²⁹ Renata Capucci nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 1973. Passou pela Rede Manchete e Rede Globo. Capucci entrou na Globo em 1995 e segue até hoje.

anos, destaco nomes importantes no cenário nacional como: Luís Ernesto Lacombe³⁰ (1989-1990), Sydney Rezende³¹ (1991-1995), Sérgio Costa³² (1998-2003), Rodolfo Schneider³³ (2006-2007) e, desde 2019, é apresentado pela jornalista Yasmin Bachour³⁴.

O local onde o jornal é apresentado foi alterado com o passar dos anos. O jornal deixa o estúdio onde era feito e passa a ser apresentado da redação em 2005. Em 2012, ganha um cenário em *chroma-key*. Em 2015, o jornal recebe um espaço mais moderno.

Em 2019, após mais uma mudança na apresentação, o cenário também é trocado. A última alteração foi feita em dezembro de 2021, quando o Jornal do Rio ganha novo pacote gráfico, um novo cenário e passa a ser apresentado com o fundo da redação da emissora no Rio.

5.3 Análises

Nessa parte do trabalho, vamos nos dedicar a analisar as legendas dos telejornais já selecionados, como explicamos anteriormente, trazendo alguns conceitos que foram estudados durante a pesquisa. Para cada análise vamos inserir uma imagem que foi veiculada no telejornal, a legenda com o título e o subtítulo da reportagem. Também vamos expor, quando houver, outras figuras que possam exemplificar essa intertextualidade ou fazer alguma relação com as legendas dos telejornais apresentadas.

5.3.1 Tem var no metrô

³⁰ Luís Ernesto Lacombe nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 1966. Lacombe passou pela Rede Globo, Rede Manchete e TV Bandeirantes.

³¹ Sydney Rezende nasceu em Campo Grande em 1958. Rezende passou pela Rede Manchete, TVE, TV Bandeirantes, Rede Globo e CNN Brasil.

³² Sérgio Costa foi repórter e apresentador na TV Bandeirantes e atualmente é repórter na Rio TV Câmara.

³³ Rodolfo Schneider entrou na TV Bandeirantes como estagiário em 2004 e segue na emissora.

³⁴ Yasmin Bachour é repórter na TV Bandeirantes desde 2014 e segue como apresentadora na emissora.

Figura 1 - Jornal do Rio – exibido em 22/08/2023



A primeira figura que será analisada é um trecho de uma matéria exibida no Jornal do Rio. A tarja em com letras menores traz a frase: “Tem VAR no metrô” seguida de “Campanha adverte passageiros com cartão e impedimentos”.

Ao ler a primeira frase, o telespectador que não conhece a palavra *Var* pode ter alguma dificuldade de compreender a mensagem. Talvez seja necessário ler mais de uma vez, buscar outros elementos na reportagem que o ajudem a compreender, ou até mesmo seguir para um *site* de buscas à procura de uma resposta.

Durante a reportagem, o telespectador pode acabar entendendo a mensagem e o contexto devido a outros elementos. A figura de uma pessoa vestida como um uniforme de árbitro de futebol e mostrando cartões diante de determinadas atitudes dos passageiros facilita a compreensão, mas a palavra *Var* exige que esse telespectador seja alguém mais familiarizado com o futebol.

O *Var*³⁵ é uma sigla usada para se referir ao árbitro assistente de vídeo, que em inglês significa *video assistant referee*. Esse termo é usado para a equipe que dá suporte aos árbitros em campo. A equipe, composta por um árbitro de vídeo e três assistentes, sinaliza possíveis erros cometidos pela arbitragem e é acionada quando o juiz tem alguma dúvida em relação a um lance da partida. No Brasil, ele começou a ser usado em competições oficiais no ano de 2018.

³⁵ <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/o-que-e-impedimento-o-que-significa-var-como-funciona.html>
Acesso em 28 de janeiro de 2024.

A presença de uma pessoa vestida como árbitro, cartões usados no futebol e atitudes que demonstrem que as pessoas estão sendo advertidas por estarem desrespeitando regras daquele transporte público são os elementos que facilitam a compreensão.

Apesar de bastante criativa e adequada à proposta de retratar uma campanha leve sobre regras no metrô, a tarja não esclarece alguns pontos, para tal será necessário assistir com atenção à reportagem. O impedimento, comum no futebol, pode ser relacionado com a entrada de passageiros nos vagões após o sinal para alertar sobre o fechamento de portas, mas ainda pode ser algo muito subjetivo para a maior parte dos telespectadores.

Como vimos em teorias abordadas em capítulos anteriores, aqui temos um exemplo de intertextualidade por alusão. Há uma relação entre a figura do árbitro que adverte o jogador em atitudes que fogem ao regulamento do futebol com a figura de um guarda que alerta um passageiro que desrespeita normas no transporte público. O jogador recebe um cartão, assim como o passageiro é alertado durante a campanha.

Podemos relacionar esse exemplo com o que é analisado por Koch ao citar uma intertextualidade em que se espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença de outros textos.

5.3.2 Flordelis está digitando...

Figura 2 - RJ1 – exibido em 13/10/2022



A segunda imagem tem como título “Flordelis está digitando”, seguida do subtítulo “Ex-deputada é pega com celular na cadeia e diz que falava com o namorado”.

A primeira frase dá a ideia de que a parlamentar usava um dispositivo eletrônico para escrever alguma mensagem, já que o verbo selecionado pelo editor foi o “digitar” e não o “escrever” ou qualquer outro que remetesse a outra forma de comunicação. Essa escolha do verbo é essencial para que seja viável fazer a conexão para entender como essa comunicação está sendo feita.

Podemos perceber que há uma intenção de chamar a atenção com o uso do verbo no tempo presente e as reticências no final frase, que sugerem que a ação está acontecendo no momento da leitura. Em um primeiro momento, fazemos essa conexão, mas para os usuários o aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp* fica fácil fazer a associação direta com essa rede.

O aplicativo *Whatsapp* foi lançado em 2009. Nos últimos anos, passou por várias melhorias e atualizações, uma delas, criada em 2018³⁶, permite que o receptor da mensagem saiba que o emissor está escrevendo algo para ele. Isso pode ser visto em tempo real em todos os dispositivos em que o aplicativo está instalado. Essa ferramenta foi usada como referência para a criação da legenda da matéria citada acima. Dessa forma, foi possível permitir que o telespectador identificasse qual era o meio usado pela ex-deputada para se comunicar, sem que fosse necessário escrever o nome do aplicativo *Whatsapp*.

Apesar de ser uma conexão feita de forma quase que instantânea por quem conhece o aplicativo, essa compreensão seria feita de forma mais lenta por quem desconhece essa função. Nesse caso, o subtítulo, ou a legenda que vem logo abaixo, são essenciais para que a mensagem seja compreendida por todos os públicos, já que é sabido que não é permitido usar celular dentro de uma cadeia nem falar com outras pessoas por meio dele.

Também podemos destacar nesse exemplo o uso de reticências. As reticências são usadas para dar uma ideia de interrupção ou prolongamento. Nesse caso, analisando a forma como essa frase aparece no aplicativo de conversas, a ideia é de continuidade. O tipo de intertextualidade presente nesse exemplo é a alusão.

Para Cunha e Cintra³⁷ (p. 673), as reticências também são empregadas para marcar uma suspensão na frase que pode ser provocada por hesitação, surpresa, timidez ou dúvida de quem fala. Outro uso possível é para assinalar inflexões de emoções, desde a alegria a tristeza.

³⁶ <https://gizmodo.uol.com.br/alguem-esta-digitando-app-mensagens/>. Acesso em 27 de janeiro de 2024.

³⁷ Cunha, Celso. Cintra, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. De acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro, Lexikon Editora Digital. 2016.

As reticências também são um recurso que é usado para indicar que a ideia que esta sendo exposta no texto não se completa com o termino gramatical da frase, e deve ser suprida com a imaginação do leitor.

Em um diálogo, as reticências podem aparecer em um momento em diálogos quando o autor que sugerir que um dos personagens teve sua fala interferida pelo outro personagem presente na conversa em questão. Essa pontuação também pode ser usada antes de uma palavra, ou expressão, que se quer realçar.

Importante ressaltar ainda que em alguns casos as reticências podem vir acompanhadas de outros sinal de pontuação, por exemplo o ponto e vírgula.

5.3.3 Água que é bom, não tem!

Figura 3 - RJ1 – exibido em 26/10/2023



Na terceira figura está escrito “Água que é bom, não tem!” e em seguida “Moradores de Vila Valqueire pagam a conta, mas a torneira está seca.”.

A expressão tipicamente popular que é usada para falar de vários temas foi escolhida para essa tarja. A ideia é reforçar que esse algo que é bom está em falta. No Rio de Janeiro, por exemplo, é comum dizer “Dinheiro que é bom, não tem”. Essa é uma expressão muito usada no cotidiano remetendo, de forma irônica, a algo que é bom, mas que está em falta.

A frase do subtítulo reforça a indignação dos moradores com a falta de água relatada no título. Apesar de estarem certos com suas obrigações, ou seja, com as contas pagas, eles seguem com o abastecimento de água suspenso. Nesse exemplo podemos perceber como a tarja cumpriu sua função de resumir o que está sendo apresentado na matéria e trouxe uma expressão popular, que chama a atenção e promove uma identificação por parte do telespectador. Em duas frases, sabemos que a matéria é sobre a falta de água dos moradores da Vila Valqueire, que eles estão com as contas pagas e indignados porque mesmo assim não tem acesso a um serviço adequado.

Nesse exemplo, podemos fazer uma relação entre o que foi discutido em capítulos anteriores sobre o uso de gírias ou expressões populares. Apesar de ser uma frase simples “Água que é bom, não tem” transmite a ideia de insatisfação de quem é afetado pelo problema. Apenas lendo essa primeira frase, o telespectador já consegue captar outros textos presentes.

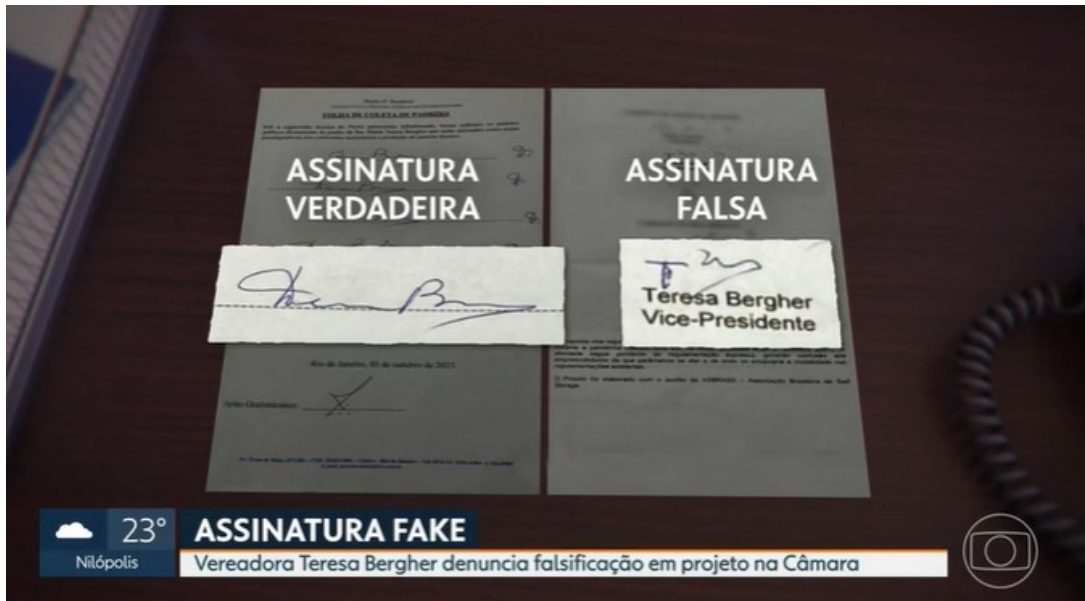
Sobre expressões populares podemos trazer como exemplo o que é debatido por Costa Val

as práticas sociais de linguagem, ao longo do tempo, teriam sedimentado algumas ‘tendências gerais de coerência’, que as pessoas aplicam na produção e na interpretação de textos. Essas tendências gerais aparecem formuladas em expressões populares que revelam a ‘intuição lingüística’ dos falantes quanto à coerência textual. (2006, p.5)

Nesse exemplo podemos ver uma expressão popular bastante aplicada em diferentes textos. Esse é um exemplo de uma intertextualidade que consegue ser compreendida de forma instantânea pela maioria dos leitores. Essa expressão tem como resultado a compreensão da falta de algo bom, onde a palavra “água” poderia ser substituída por outras palavras, o que não atrapalharia a capacidade de se compreender a ideia por trás da expressão. Podemos pensar em um exemplo: “comida que é bom, não tem!” onde a ideia seria a mesma, reforçar a falta de algo que é bom.

5.3.4 Assinatura fake

Figura 4 - RJ1 – exibido em 20/10/2023



A quarta figura tem como tarja principal “Assinatura fake”, seguida da tarja secundária “Vereadora Teresa Bergher denuncia falsificação em projeto da Câmara”.

A expressão, que é originada de uma palavra da língua inglesa, tem se enraizado no vocabulário do brasileiro nos últimos anos. É comum ouvirmos mais a palavra *fake* do que “falso” ou “falsificação” dependendo do contexto da sua utilização. O uso dessa palavra em outro idioma cresceu muito nas redes sociais e do mundo virtual também começou a ser bem aceita no mundo real. A expressão virou quase uma gíria em todo o país.

A palavra começou a ser usada na internet em referência a imagens e mensagens divulgadas que não eram reais. Depois ganhou ainda mais notoriedade quando usada para falar sobre notícias falsas. "O termo Fake News ganhou força mundialmente em 2016, com a corrida presidencial dos Estados Unidos, época em que conteúdos falsos sobre a candidata Hillary Clinton foram compartilhados de forma intensa pelos eleitores de Donald Trump. Apesar do recente uso do termo Fake News, o conceito desse tipo de conteúdo falso vem de séculos passados e não há uma data oficial de origem. A palavra “fake” também é relativamente nova no vocabulário, como afirma o Dicionário Merriam-Webster. Até o século XIX, os países de língua inglesa utilizavam o termo “false news” para denominar os boatos de grande circulação.”³⁸

Apesar de sua popularidade, não podemos esquecer que nem todos dominam o inglês; se uma parcela jovem da população consegue compreender por estar inserida nesse contexto de gírias e expressões usadas em redes sociais, outra parcela com mais idade e fora das redes pode não entender por não saber inglês.

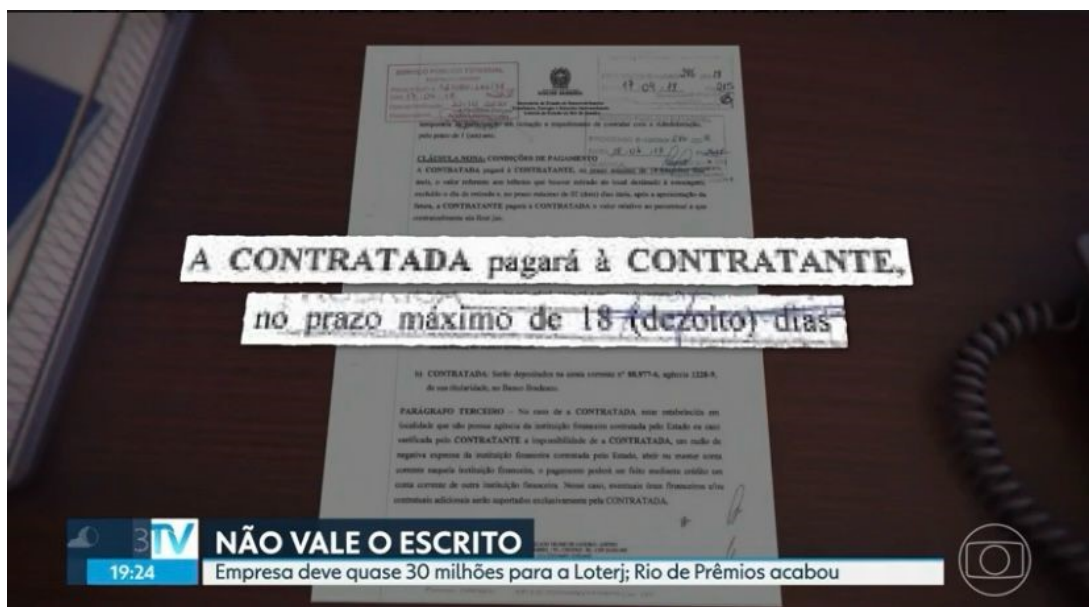
³⁸ <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em março de 2024.

Outro ponto é que às vezes as pessoas já escutaram a expressão ou a palavra, mas não tem conhecimento de como é a grafia correta. Se escutamos /feique/ e se escreve *fake*, possivelmente teremos pessoas que não vão compreender o conteúdo da tarja. Por outro lado, com o aumento do uso de estrangeirismos, seja pela popularização da língua ou pelo crescimento do uso da internet, torna essa e outras expressões muito familiarizadas pelo público.

Essa alusão a uma expressão conhecida – fake - poderia atingir mais pessoas se fosse apenas mantida a palavra original na língua portuguesa, mas o uso da gíria, da palavra na língua inglesa, acaba chamando mais atenção do telespectador. Se esse título fosse usado há alguns anos possivelmente seria com a palavra em português “Assinatura falsa”, mas hoje traz nas entrelinhas uma outra discussão em tempos de informações falsas que provocaram o aumento do uso da expressão Fake News.

5.3.5 Não vale o escrito

Figura 5 - RJ1 – exibido em /03/2024



Na quinta figura, a tarja da reportagem é “Não vale o escrito” seguida de “Empresa deve quase 30 milhões para a Loterj; Rio de prêmios acabou”.

Esse título faz uma referência direta a uma série veiculada no *Globoplay* no mesmo período em que a reportagem foi publicada. Na série documental, baseada em fatos, é contada a história do jogo do bicho no estado do Rio de Janeiro. Ao lermos apenas o título “Não vale o escrito”, algumas pessoas poderiam compreender uma ideia inicial do que será tratado por dois motivos: ou por conhecimento do uso dessa expressão antônima no jogo ilegal ou por estarem acompanhando a veiculação da série na plataforma da Rede Globo.

A compreensão também seria possível ao entender o contexto de que se trata de um contrato por escrito que foi assinado, mas não está sendo cumprido. Podemos destacar a polissemia nessa expressão que pode ser uma simples afirmação, mas que nesse caso, podemos perceber que há uma alusão direta a expressão usada no jogo do bicho.

O jogo do bicho tem uma lei³⁹ onde “vale o que está escrito”. O conceito baseado na Constituição perdurou por anos nessa modelo de loteria ilegal. A expressão era até então mais conhecida por pessoas com mais idade ou pessoas mais inseridas no universo do jogo ilegal. Com o lançamento da série pelo *Globoplay* no final do ano passado mais pessoas tiveram conhecimento da expressão e das regras desse tipo de jogo.

Assim nesse caso vemos um exemplo de matéria jornalística que se aproxima da ficção, embora nesse caso, apesar de estarmos falando de uma série, trata-se de um conteúdo documental.

5.3.6 Do “cavalo tarado” ao “rajadão”

³⁹ <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/alexandre-garcia/constituicao-jogo-do-bicho-vale-o-que-esta-escrito/>. Acesso em 1 de abril de 2024.

Figura 6 - Jornal do Rio – exibido em 31/08/2023



No sexto exemplo, temos uma tarja a frase “Do ‘cavalo tarado’ ao ‘rajadão’ seguida de “Diretora é afastada após nova polêmica com crianças em escola”.

Ao ler a primeira frase, muitos telespectadores podem ter apresentado alguma dificuldade de compreender o conteúdo em um primeiro momento. O título exige que o telespectador conheça as músicas “Cavalo Tarado” e “Rajadão”. Uma outra necessidade imediata era que o telespectador tivesse conhecimento de uma polêmica envolvendo uma escola onde essas duas músicas foram tocadas para crianças.

Apesar de ser compreendido inicialmente por um público específico, ao ler o subtítulo é possível entender, ou deduzir, um pouco mais sobre o conteúdo da reportagem. Trata-se de uma polêmica em uma escola que envolve pelo menos uma situação de cunho sexual se nos atentarmos à palavra “tarado”. Já considerando apenas a palavra “rajadão”, não seria possível identificar o porquê da polêmica na escola.

Tanto “Cavalo taradão” como “Rajadão” são nomes de músicas que foram tocadas em uma escola para crianças onde foi feita uma coreografia com conotação sexual. “Rajadão” é uma música da *drag queen* Pablo Vittar que foi lançada em 2020. “Cavalo taradão” também foi lançada em 2020 pela Banda Fruto Sensual. Nesse caso, além da coreografia, foi colocada em discussão o conteúdo da letra da música que tinha versos como: “Olha o cavalo no cio Cavalo taradão”, “Cai, novinha, faz a posição / Vem de quatro pro negão”.

As aspas podem ser usadas para diferentes finalidades segundo Cintra e Cunha (2016, p.677): para distinguir a citação do resto do contexto; para destacar termos ou expressões que geralmente não são comuns na linguagem de quem escreve como por exemplo estrangeirismos, neologismos, arcaísmos e vulgarismos; podem ser usadas também para

acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão; para realçar ironicamente uma palavra ou expressão; nos diálogos para mostrar a mudança de interlocutor, e para marcar o título de uma obra.

No exemplo da tarja o uso das aspas pode ter sido empregado para marcar que se trata do nome de duas canções ou para destacar essas palavras que são informais e incomuns em um telejornal. Nesse exemplo vemos mais um caso de alusão.

5.3.7 Procuram-se uniformes

Figura 7 - RJ1 - exibido em 03/2024



Nessa figura a tarja tem na primeira frase “Procuram-se uniformes”, seguida de uma tarja secundária “Mães e pais de Japeri reclamam que prefeitura não entrega de 2022”. O emprego da palavra “procura-se” chama atenção. É comum o uso verbo em cartazes confeccionados para pedir ajuda a população com informações que possam levar a prisão de um criminoso. Nesse caso da matéria não há um problema ou algo relacionado a violência, mas sim um uniforme que ninguém diz onde está.

Em relação ao conteúdo, vemos que a primeira frase foi pensada para chamar a atenção e pouco contribui com informações para quem está assistindo à reportagem. A segunda frase já indica mais informações que podem ser compreendidas por todos os leitores, mas o item em falta só fica claro porque é citado na frase anterior. A segunda frase

complementa e traz a informação de que o sumiço já dura dois anos e que os pais reclamaram com a prefeitura.

Na figura abaixo está um cartaz com informações de quatro criminosos procurados no estado de Minas Gerais⁴⁰. Esse é um exemplo de cartaz divulgado por órgãos de segurança de todo o país em que eles solicitam a colaboração da população por meio de denúncias anônimas. O cartaz abaixo é um cartaz padrão usado em muitos estados, também são encontrados cartazes assim com fotos e informações de pessoas desaparecidas.

Figura 8 - Exemplo de cartaz de procurados divulgado no estado de Minas Gerais



A partir dessa análise podemos concluir que o uso dessa referência não interfere na compreensão da notícia por parte dos telespectadores. Assim como no tópico anterior aqui temos um exemplo de alusão.

5.3.8 O 458M sumiu... de novo!

⁴⁰ <https://procurase.seguranca.mg.gov.br/>. Acesso em julho de 2024.

Figura 9 - RJ1 - exibido em 04/03/2024



Na oitava reportagem selecionada, temos a tarja “O 458m... sumiu de novo!” seguida da “Passageiros pedem retorno do ônibus que liga Magé até Niterói”

A legenda também foi pensada nesse caso para chamar atenção, embora também coloque informações importantes como o número da linha e o “de novo” para enfatizar que não é a primeira vez que isso acontece, mas sim que a falta desse transporte é um problema constante.

Ao nos depararmos apenas com o título seria difícil compreender o assunto, a não ser por pessoas que conhecem a linha de ônibus 458M. Já com o complemento do subtítulo podemos concluir que se trata de uma linha de ônibus. Nesse exemplo temos uma referência direta, mas que ao mesmo tempo pode não ser compreendida por todos os telespectadores.

Ao analisarmos o título “O 458M sumiu...de novo!” podemos fazer uma referência ao título de um filme “Apertem os cintos... O piloto sumiu!” conforme o cartaz⁴¹ da figura abaixo.

⁴¹ https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Apertem-os-Cintos-o-Piloto-Sumiu/0MF27TDS99IGSDWV6G5YQP6L2D_ Acesso em julho de 2024.

Figura 10 - Um dos modelos de cartaz para divulgação do filme



O filme, lançado em 1980, tem em seu enredo um piloto que tem medo de voar e problema com alcoolismo que precisa assumir o controle da aeronave quando a tripulação passa mal devido a uma forte intoxicação alimentar.

A referência usada também não interfere na compreensão da mensagem, mas por se tratar de um filme antigo, parte do público pode não conseguir fazer uma associação entre a legenda e o título da reportagem. Esse também é um exemplo de alusão.

5.3.9 À espera da Madonna

Figura 11 - RJ1 - exibido em 02/05/2024



A tarja acima foi usada para uma reportagem produzida para divulgar a estrutura organizada para a apresentação da cantora Madonna na praia de Copacabana. O esquema montado foi semelhante ao do Réveillon com a integração de todos os órgãos públicos com foco em um evento para mais de um milhão de espectadores. Dias antes da apresentação centenas de fãs da cantora, incluindo pessoas de outros países, já se aglomeravam em Copacabana para tentar um lugar mais próximo ao palco e na intenção de verem a cantora no hotel.

A partir do título “À espera da Madonna”, que transmite parte da expectativa dos fãs para a apresentação, podemos fazer uma relação com o nome do filme “À espera de um milagre”. Assim como o que é aguardado no filme, a chegada da cantora para um show gratuito na praia de Copacabana era vista por muitos como um fato extraordinário, um milagre.

Figura 12 - Cartaz do filme



O filme conta a história de um carcereiro que tem um relacionamento incomum e comovente com um preso que está no corredor na morte. O detento tem tamanho e força para matar qualquer um, mas seu comportamento é completamente oposto à sua aparência. Com o passar do tempo, o carcereiro aprende que, às vezes, os milagres acontecem nos lugares mais inesperados.

Essa relação entre o inesperado do filme e o show de uma das maiores cantoras do mundo se torna ainda mais latente porque a apresentação foi divulgada poucos meses antes, o que diverge de outras apresentações de artistas internacionais que são noticiadas com mais antecedência.

Assim como no exemplo anterior, referência usada também não interfere na compreensão da mensagem, mas por se tratar de um filme antigo, parte do público pode não conseguir fazer uma associação entre a legenda e o título da reportagem.

5.3.10 O Rio de Janeiro continua... quente!

Figura 13 - Jornal do Rio – exibido em 12 de junho de 2024



No dia 12 de junho o Jornal do Rio exibiu uma matéria para falar sobre as altas temperaturas no Rio de Janeiro e os dias típicos de verão em meio ao outono. A tarja menor trazia uma informação sobre a previsão da duração do veranico, inicialmente previsto para encerrar no dia 20 de junho de 2024. O veranico é um período de estiagem, acompanhado por calor intenso, forte insolação e baixa umidade do ar. A reportagem abordava os pontos positivos desse verão fora de época e como os turistas e os comerciantes avaliam esse período.

Na tarja, o editor de texto optou por uma frase que faz uma referência direta e clara a música “Aquele abraço”, do cantor Gilberto Gil, lançada em 1969. A canção começa com as seguintes frases: “O Rio de Janeiro continua lindo. O Rio de Janeiro continua sendo”. Assim como a beleza da cidade é algo comum e contínuo, o calor também é permanente mesmo com a chegada do inverno. Nesse tópico temos mais um exemplo de alusão.

5.3.11 A gota d’água

Figura 14 - RJ 1 – exibido em 2 de julho de 2024



Na figura acima vemos mais um exemplo de uso de uma expressão popular. A tarja principal “A gota d’água” seguida de “Moradores da Zona Norte reclamam de abastecimento irregular” trata de uma reportagem referente a falta de água na casa de moradores de bairro da zona norte do Rio de Janeiro.

Essa expressão “a gota d’água” é usada para marcar um ponto decisivo um acontecimento, como uma se fosse uma situação limite para uma tomada de decisão. Nesse caso a expressão está sendo usada no sentido literal, já que existe uma falta de água e nesse segundo sentido que culmina na reclamação dos moradores após não aguentarem mais o abastecimento de forma irregular.

A expressão é muito comum no cotidiano, podemos citar como exemplo uma canção de Chico Buarque com esse nome. No caso da música é relatada uma história de amor em que o narrador está chegando em uma situação de limite conforme o trecho: “Olha a gota que falta/ Pro desfecho da festa/ Por favor/ Deixe em paz meu coração/ Que ele é um pote até aqui de mágoa/ E qualquer desatenção, faça não/ Pode ser a gota d’água”.

Apesar da expressão não ser tão usada pelo público mais jovem ela é muito conhecida e acaba fazendo parte do cotidiano.

5.3.12 Rua “cancelada” em Japeri

Figura 15 – RJ 1 exibido em 08 de julho de 2024



A reportagem acima tem como tarja principal “Rua ‘cancelada’ em Japeri”, seguida de uma tarja secundária “Moradores reclamam que rua foi excluída de obra da prefeitura”. A partir desse complemento com a tarja secundária podemos concluir que havia uma obra prevista para o local, mas que esta foi retirada do planejamento da prefeitura.

A palavra “cancelada” entre aspas, nos remete ao que encontramos na gramática e citamos anteriormente, sobre as aspas serem adotadas como um recurso para marcar determinada palavra, destacar termos ou expressões que geralmente não são comuns na linguagem de quem escreve e realçar ironicamente uma palavra ou expressão. A palavra “cancelada” começou a ser interpretada de uma nova forma após o início do uso da expressão “cultura do cancelamento”.

A expressão “cultura do cancelamento” começou a ser usada no Brasil em 2020, mas teve origem em 2017 nos Estados Unidos como *inglês cancel culture*.⁴² Ela é definida como uma cultura, presente especialmente nas redes sociais, em que as pessoas param de apoiar uma pessoa após algum posicionamento que provoca uma discordância. É popularmente chamado de um boicote virtual que geralmente acontece contra pessoas pública.

Em 2017 ela começou se popularizar com o movimento “#MeToo”. A *hashtag* foi usada nas redes sociais para chamar a atenção para uma denúncia de abuso e assédio sexual por parte de produtor de cinema de Hollywood. A partir disso, vítimas de outros produtores, diretores e atores levaram a público outros casos.

⁴² <https://www.migalhas.com.br/depeso/331363/o--tribunal-da-internet--e-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>. Acesso em 8 de julho de 2024.

Apesar de ter uma origem pautada em situações de revolta por problemas mais sérios, o “cancelamento” também está muito ligado a protestos como esse citado na reportagem, visto que há um objetivo de chamar a atenção para a falta de pavimentação em uma rua. O telespectador consegue compreender a mensagem, mas a referência a “cultura do cancelamento” só pode ser feita por quem tem conhecimento dessa expressão.

5.3.13 Cadê o rio que tava aqui?

Figura 16 – RJ 1 exibido em 23 de julho de 2024



A reportagem acima tem como título “Cadê o rio que tava aqui?”, seguida do subtítulo “Moradores denunciam situação do Rio Abel, em Queimados”. A reportagem com o tom questionador e focada na cobrança às autoridades locais apresenta uma referência a uma brincadeira comum na infância. O título faz uma referência a parlenda⁴³ chamada “Cadê o toucinho que tava aqui?”.

As parlendas são rimas usadas como brincadeira para crianças. Como explicar o professor Igor Alves

Elas costumam ser rimadas e têm ritmo e métrica quando recitadas. As rimas costumam ser fáceis e ajudam as crianças no desenvolvimento da memorização. Uma das modalidades de parlenda são os trava-línguas, um jogo verbal em que se deve falar rapidamente uma concentração de palavras com sonoridades similares e sílabas difíceis. Como são tradições da oralidade, existem inúmeras variações para

⁴³<https://www.significados.com.br/parlenda/#:~:text=As%20parlendas%20s%C3%A3o%20combina%C3%A7%C3%B5es%20de,ritmo%20e%20m%C3%A9trica%20quando%20recitadas.> Acesso em julho de 2024.

cada parlenda e não se conhecem seus autores. Algumas parlendas fazem parte da tradição popular brasileira há décadas. De origem latina, a palavra parlenda deriva de “*parlare*”, que significa falar, conversar.

Abaixo vamos colocar a parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui?” de autor desconhecido.

Cadê o toucinho que estava aqui?

O gato comeu.

Cadê o gato?

Foi pro mato.

Cadê o mato?

O fogo queimou.

Cadê o fogo?

A água apagou.

Cadê a água?

O boi bebeu.

Cadê o boi?

Está amassando o trigo.

Cadê o trigo?

O frade comeu.

Cadê o frade?

Está rezando a missa.

Cadê a missa?

Foi por aqui, aqui... achou!

A forma como as crianças e adolescentes se divertem mudou muito nos últimos anos e acabou bastante voltada para o que acontece no chamado mundo virtual, ou seja, na internet. Sendo assim a referência a parlenda pode não ser compreendida e captada em um primeiro momento por um público mais jovem, por outro lado, essa associação deve ocorrer com mais facilidade por pessoas mais velhas.

5.3.14 Se comer pão, não dirija?

Figura 17 – Jornal do Rio exibido em 25 de julho de 2024



A reportagem exibida pela Tv Bandeirantes tem como legenda “Alimento pode gerar ‘falso positivo’ no teste do bafômetro” logo após a frase “Se comer pão, não dirija!”. Podemos destacar nesse exemplo uma construção igual a usada em campanhas que pontuam a importância de não dirigir nenhum veículo após o consumo de bebida alcoólica.

Figura 18 – Campanha do Detran-DF sobre o consumo de álcool e direção



Essa frase é muito usada nas campanhas dos órgãos de diferentes estados responsáveis por promover a educação no trânsito e controlar ações relacionadas à habilitação de condutores, documentação e serviços para veículos. Esses materiais de divulgação foram adotados para reforçar a importância de não dirigir após o consumo de álcool. A reportagem

em questão foi feita a partir de uma pesquisa que apontou que algumas marcas de pão de forma contêm percentuais de álcool que podem ser indicados em testes de bafômetro.

5.3.15 Deputado de milhões

Figura 19 – RJ exibido em junho de 2024



A reportagem acima trata de uma denúncia em relação ao deputado do PL conhecido como Valdecy da Saúde. A produção da Rede Globo fez um levantamento sobre os carros usados pelo parlamentar e descobriu que os veículos pertenciam a empresas que mantinham contratos milionários com a prefeitura de São João de Meriti, a qual ele foi vice-prefeito. O levantamento também apontou que em 15 anos ele chegou a um patrimônio de dois milhões de reais e, paralelo a isso, estaria fazendo uma obra em uma casa avaliada em seis milhões de reais.

Os levantamentos apontaram que o parlamentar movimentava quantias altas, por isso a legenda escolhida trouxe a expressão “de milhões”. Essa expressão começou a ser usada em 2022 após ser falada pelo atleta de vôlei Douglas Souza⁴⁴ durante as Olimpíadas de Tóquio. Em uma entrevista o atleta relatou que o bordão é uma gíria que já era usada no meio dos jogos digitais. A gíria usada para falar de algo muito bom e valorizado também tem um antônimo que é o “de centavos”.

⁴⁴ <https://www.revistaloficial.com.br/hommes/douglas-souza-em-uma-entrevista-de-milhoes-para-l-officiel>. Acesso em 30 de julho de 2024.

O uso dessa gíria em um telejornal reduz o alcance para um público mais específico, que nesse caso pode ser pessoas que participam de jogos digitais ou pessoas que procuram estar sempre atualizadas quando as gírias e os famosos memes que surgem diariamente na internet.

5.4 Um adendo sobre o ensino

Aqui, vamos explorar como a intertextualidade presente nos telejornais pode se tornar uma interessante ferramenta no processo de ensino. A partir dos exemplos já expostos anteriormente, vamos analisar as diversas formas pelas quais essa relação entre os textos pode enriquecer o aprendizado e promover uma experiência educativa mais profunda e atraente.

Os telejornais, como portais para a realidade, nos apresentam diariamente a um fluxo constante de informações, imagens e sons. Mas, além de ser uma fonte de informação para manter o público atualizado sobre os acontecimentos do mundo, eles também escondem um potencial educativo: a intertextualidade.

Como explicado anteriormente, ao analisarmos os telejornais com um olhar atento, podemos identificar diversos elementos intertextuais que enriquecem o conteúdo e o tornam mais significativo. Podemos citar: a referência a outros textos, citações e paráfrases, imagens e sons; gêneros textuais.

O exercício de identificar cada um desses pontos permitiria que o aluno ampliasse o conhecimento de mundo, além de olhar para um telejornal de forma mais criteriosa. Nesse momento, o estudante se distancia do telespectador que se prende às notícias que estão sendo veiculadas e as observa como um pesquisador, como alguém que absorve mais do que a primeira informação passada.

Ao analisar as citações e paráfrases, o estudante faria conexões com frases de especialistas, ou personalidades importantes, podem ter sido utilizadas para embasar argumentos e fortalecer a credibilidade do noticiário. Quando pensamos nas referências a outros textos esse é um recurso que fará o estudante identificar eventos históricos, obras literárias ou até mesmo outros telejornais, criando um diálogo entre diferentes fontes de informação.

Ao utilizarmos a intertextualidade presente nos telejornais como ferramenta de ensino é possível pensar em várias possibilidades:

- é um recurso que pode despertar a curiosidade dos alunos ao tornar o conteúdo abordado em sala de aula dinâmico e interessante. A partir disso o aluno pode acabar motivado a explorar diferentes fontes de informação;
- ao analisarmos as relações entre os textos, podemos desenvolver o senso crítico dos alunos, ensinando-os a questionar, interpretar e avaliar diferentes pontos de vista.
- por meio da intertextualidade, o aluno tem contato com diferentes textos, o que contribui para o desenvolvimento do seu vocabulário e da sua gramática, aprimorando suas habilidades de comunicação;
- esse recurso permite que seja possível uma conexão com diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma visão mais holística e interdisciplinar da realidade;
- por fim, vivemos em um mundo globalizado e conectado. A intertextualidade é uma habilidade essencial para que os alunos se comuniquem de forma eficaz e se adaptem às diferentes situações da vida.

Assim como outros temas trabalhados em sala de aula, a intertextualidade também abre muitas possibilidades quando pensamos em como colocá-la em prática. Esses exercícios práticos podem começar de forma semelhante ao que desenvolvemos no capítulo de análise. O aluno pode ser desafiado a analisar a intertextualidade em uma reportagem, identificando as diferentes fontes de informação consultadas na reportagem, como citações de especialistas, dados estatísticos e imagens.

O aluno pode fazer um exercício e desenvolver outras competências a partir do que acontece na rotina de um jornalista. Os estudantes podem ser divididos em grupos e serem orientados a criar uma reportagem usando elementos intertextuais, como citações, paráfrases, alusões e referências a outros textos.

Costa Val (2016) fala sobre sete fatores constitutivos da textualidade, que vem sendo discutidos por vários autores: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Esses sete princípios citados fazem parte do conhecimento textual das pessoas e são exemplos que os leitores esperam encontrar nos textos lidos.

Na produção e interpretação de um texto, os interlocutores se valem de crenças e conhecimentos que fazem parte da história e da cultura de sua sociedade, conhecimentos e crenças que lhes vieram sob a forma de textos – falados e escritos – na família, na escola, na igreja, no trabalho, no jornal, no rádio, na TV, na literatura, etc. (Costa Val, 2016, p.6)

São esses conhecimentos que podem ser trabalhados quando fazemos essa relação entre a notícia, que é o conhecimento do que se passa na cidade ou no mundo, a intertextualidade como ponto importante no estudo da língua portuguesa e as conexões que vão ser feitas a partir de um conhecimento prévio do aluno aliado a discussões em sala de aula.

É comum nos depararmos com discussões de estudiosos da língua sobre os materiais didáticos usados para seu ensino. Há uma busca por novas didáticas. Antunes (2003, p. 31) fala sobre como as aulas de português são mecânicas e que a forma como a gramática é usada se distancia das reais necessidades dos alunos, sendo “fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função: frases feitas para servir de lição, para virar exercício”.

A autora propõe que seja adotada uma gramática para além das regras, uma gramática que seja funcional.

O estudo da gramática deve ser estimulante, desafiador, instigante, de maneira que se desfaça essa ideia errônea de que estudar língua é, inevitavelmente, uma tarefa desinteressante, penosa e, quase sempre, adversa. (Antunes, 2003, p.97).

Ao falar sobre o ensino de línguas do ponto de vista mais estritamente linguístico, Antunes (2003) resalta alguns pontos que poderiam ser trabalhados nessa fusão do estudo da língua paralelo ao desenvolvimento de outras competências por meio da análise de notícias,

fomentando a prática da observação, da análise, do questionamento, da reflexão crítica, com a convicção de que conhecer é um processo em constante desenvolvimento; estimulando o desenvolvimento de um saber geral, de uma competência lexical, pela ampliação do repertório de informações e da capacidade do usuário para criar, recriar, ressignificar e incorporar novas palavras (p.43)

A leitura de textos assim pode provocar uma discussão ampla e contribuir para que o aluno possa ter um conhecimento maior de informações de uma forma mais dinâmica e combinada com o ensino da língua portuguesa.

Apesar da existência de muitos autores empenhados em discutir o uso de novos materiais e um ensino da gramática, fora a gramática tradicional, ainda percebemos que há uma tradição de se estudar esse conteúdo pautado em regras.

Prevaleceu e prevalece ainda uma formação gramatical que focaliza regras descontextualizadas do processo de comunicação, talvez por ser mais fácil trabalhar com regras, já que elas permitem o certo e o errado. A leitura, pelo contrário, oferece situações inesperadas, nas quais o professor tem de ouvir o estudante e,

eventualmente, até mesmo descobrir, ele mesmo, novas possibilidades emanadas da leitura de um texto, graças à intervenção de um aluno. (ELIAS, 2013, p. 200).

Incentivar o uso de matérias, como os que estão sendo analisados aqui, pode trazer um novo olhar do aluno para o que se espera discutir em sala de aula. Destaco aqui que, apesar dos exemplos na análise serem de tarjas de telejornais, existem outros materiais que podem ser selecionados com esse mesmo potencial. Cito aqui *podcasts* que discutem assuntos da atualidade, bem como notícias publicadas em redes sociais que possuem um formato diferente do tradicional, mas, em sua maioria, mais próximas da linguagem que o aluno está familiarizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi analisar a intertextualidade presente nas legendas de dois telejornais exibidos no estado do Rio de Janeiro. Podemos perceber que essas adaptações acontecem paralelamente a uma mudança no uso da língua e nos meios que as pessoas buscam atualmente para se informar.

Há alguns anos, as notícias estavam disponíveis apenas nos jornais impressos, nas rádios e nas grandes emissoras de televisão. Com o passar do tempo, vieram os portais dos veículos que já eram consolidados na televisão, *sites* de notícias, que depois começaram a competir também com programas independentes no *youtube*, as páginas de redes sociais abastecidas com informações de moradores e resumos de notícias em redes sociais publicadas por pessoas de fora do meio e em um formato bem reduzido.

Toda essa infinidade de possibilidades para se informar, se atualizar, discutir o que acontece no mundo, despertou a necessidade de se pensar em uma forma diferente para manter os meios de comunicação já consolidados. O tom mais formal de parte dos jornais foi sendo substituído pela forma como a população se comunica. Isso inclui o uso de palavras mais informais, mais diretas e uso de expressões populares.

Além desses pontos destacados anteriormente também notamos o uso da intertextualidade, por meio do uso de expressões populares e referências a conteúdos que permitem que o público faça associações com outros textos.

O *corpus* analisado permitiu observações de forma prática sobre uma das formas de uso da intertextualidade. Os textos das tarjas analisadas trazem diferentes tipos de intertextualidade, o que demonstra que ela é uma área com características diversas.

Cada autor consultado trouxe uma colaboração para que pudéssemos entender mais possibilidades sobre o uso desse processo que enriquece, agrega informações e é capaz de despertar questionamentos no leitor. Em primeiro lugar, expusemos de forma geral os gêneros textuais e focamos no gênero notícia. Essa primeira teve como objetivo apresentar o gênero que seria analisado nos capítulos seguintes.

Após a apresentação das teorias sobre os gêneros textuais apontamos as principais discussões em relação à intertextualidade. Dentro desse capítulo, dedicamo-nos a estudar a intertextualidade explícita e a implícita, destacando que a segunda seria nosso objeto de estudo.

Pensando no viés da sala de aula, concluímos que a intertextualidade presente nos telejornais é um recurso valioso para o ensino, capaz de tornar as aulas mais dinâmicas, engajadoras e significativas. Ao explorarmos essa relação entre os textos, podemos promover o desenvolvimento de habilidades essenciais para os alunos, preparando-os para os desafios da atualidade.

Em primeiro lugar cabe ressaltar que buscamos um tema atual e que acreditamos estar menos esgotado que outros assuntos referentes aos meios de comunicação. A busca no banco de teses da Capes reforçou a ideia inicial de se buscar algo diferente e atual. Durante a pesquisa, como explicado anteriormente, não encontramos trabalhos atuais que discutam a intertextualidade nas tarjas dos telejornais.

A fundamentação teórica nos abriu caminho para alguns pontos que foram observados durante a pesquisa, ao analisarmos a vasta quantidade de autores que discutem a intertextualidade e os gêneros textuais.

As análises das tarjas, ou legendas dos telejornais, permitiram-nos pensar em como uma pequena frase pode contribuir para o conhecimento do público ou apenas cumprir um objetivo de resumir de forma direta o que está sendo apresentado durante uma reportagem de um telejornal.

Esperamos que com essa dissertação outros pesquisadores possam estender essa discussão e pensar em como os telejornais, que tem a função de informar, podem contribuir para o ensino. Aqui podemos pontuar duas metas a serem alcançadas após esse trabalho:

- aos pesquisadores da área de língua portuguesa, cabe pensar em como as tarjas, que são apenas um recorte do todo de uma notícia, podem corroborar com reflexões mais abrangente em sala de aula.
- aos pesquisadores da área de comunicação, cabe pensar em como as tarjas podem ir além do seu papel de resumir sem que sejam excludentes.

Acreditamos que todas as profissões precisam atualizar seus materiais no campo da educação, e que isso é cada vez mais evidente. Sendo assim, por que não pensar em unir essas duas áreas de conhecimento que podem contribuir muito com o desenvolvimento dos estudantes que necessitam de conhecimentos cada vez mais abrangentes? Foi o que buscamos fazer neste texto.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. Jornalismo popular. Rio de Janeiro, Contexto: 2006.
- ANTUNES, Irandé. Gramática contextualizada – limpando “o pó das ideias simples”. Rio de Janeiro: Parábola, 2014
- ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos de Araújo. Dicionário Crítico de sociolinguística. São Paulo: Parábola, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo, Martins Fontes. 2006.
- BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1791-1799.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- CARVALHO, Luis, DUARTE, Francisco Ricardo. MENEZES, Afonso Henrique. SOUZA, Tito Eugênio. Metodologia cinetífica: teoria e aplicação na educação a distância. Petrolina. Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2019.
- COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. Pedagogia cidadã - cadernos de informação. 2016.
- DIAS, Raquel. Gêneros textuais para a produção de textos escritos no livro didático. Anais do Sielp: Uberlândia, 2012.
- DIJK. Teun A. van. Discurso e poder. 1988
- ELIAS, Vanda Maria (Org.). Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FIORIN, José Luiz. BARROS, Diana. Dialogismo, polifonia e intertextualidade em torno de Bakhtin. São Paulo, 1994.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.
- FUZA, Angela F; et al. Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez, 2011.

- GONSALVES, E. Iniciação a pesquisa científica. 3. Ed. Campinas: Alínea, 2003.
- GOUVEA, Maria Aparecida Rocha. O princípio da intertextualidade como fator de textualidade. Volta Redonda, 2007.
- HAWAD, Helena Feres. ENSINANDO GRAMÁTICA PARA O USO DA LÍNGUA MATERNA. Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S. l.], v. 19, n. 30, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/22627>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- KAUARK, Fabiana. MANHÃES, Fernanda. MEDEIROS, Carlos Henrique. Metodologia da pesquisa: um guia prático. Tabuna: Bahia, 2010.
- KOCH, Ingedore G. Villaça, BENTES, Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Intertextualidade: diálogos possíveis. São Paulo, Cortez, 2007.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo, Contexto, 2003.
- KOCH, Ingedore. Introdução à Linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- KOCHE, Vanilda Salton et. al. Estudo e produção de texto: gêneros textuais do relatar, narrar e descrever. Vozes, 2011.
- KRISTEVA, Julia. Introdução à semanálise. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005
- KRISTEVA, Julia. Séméiotikè. Paris. Du seuil, 1969, p. 84-85
- LAGE, N. 1. Considerações iniciais; 2. Gramática da notícia. In: A., E. Á. S. (Ed.). Estrutura da notícia. São Paulo: p. 5–41.
- LIMA, Geralda. Gêneros e tipos textuais: um estudo para o Ensino da Leitura e da Escrita. São Cristóvão. Universidade Federal de Sergipe, 2011.
- LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.
- MARCUSCHI. L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão.

MELO, José Marques de. Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos de Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José Marques; ASSIS, Francisco de. Gêneros jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo, SP: Metodista, 2010

MINAYO, M. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. São Paulo, Cortez, 1975.

ROSA, Ana Denise. V Siget. Aplicação do gênero notícia no ensino. Caxias do Sul. RS. Agosto. 2009.

SANTOS, L. W.; TEIXEIRA, Claudia de Souza. Ensino de gramática: abordagens, problemas e propostas. In: José Pereira et al. (Org.). Livro dos minicursos Cifefli 2005. RJ: Cifefil, 2005, p. 97-106

SANTOS, Tatiana. TRENTIN, Raquel. O trabalho com gênero notícia no ensino fundamental II: uma proposta de sequência didática. IFES.: Vitória, 2021.

SILVA, Francisco E; PONTES, Antônio L. Intertextualidade: o fenômeno do *détournements* em anúncios publicitários de produtos comerciais. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.7.n.12.dez. 2021.

SILVA, Maria. Textualidade e fatores de contextualização: uma análise dos fatores perspectivos e contextualizadores no gênero notícia. UFRN: Paus dos ferros, 2022.

SIMÕES, Darcília; GARCÍA, Flávio. A pesquisa científica como linguagem e práxis. Rio de Janeiro, Dialogarts, 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipologia textual e ensino de língua. Domínios de linguagem: Uberlândia, 2018.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. Porto Alegre, Em questão. 2003.